

Transcrição de vídeo - Ciclo de Debates

Mesa 4 - Pandemia nas favelas e periferias

27 de novembro de 2023

Giselle Florentino: Olá, boa noite gente, meu nome é Giselle Florentino. Eu faço mestrado em sociologia aqui na casa e sou coordenadora da Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial e também integro o BONDE. A gente vai dar início a mais um Ciclo de Debates, né? Nesse momento, sobre o debate de pandemia nas favelas e periferias. A gente queria agradecer a todos os convidados e convidadas que toparam esse desafio. O debate sobre o impacto da pandemia e a não participação do estado é sempre muito difícil para a gente que atuou diretamente durante todos os anos. Os anos seguintes ao processo de pandemia e isolamento social. Eu vou passar a palavra para o Fábio Araújo, que vai mediar a mesa. Obrigada.

Fábio Araújo: Bem boa noite, gente. Queria começar agradecendo o convite para participar desse Ciclo de Debates, saudar essa iniciativa muito importante. Bem, me apresentando, eu estou falando aqui de um lugar que é da Fiocruz. E é durante a pandemia para tentar introduzir algumas questões pra gente durante a pandemia, a Fiocruz teve várias iniciativas. Ela teve um protagonismo muito grande em relação ao enfrentamento da pandemia e logo no início da pandemia, a Fiocruz instituiu um Observatório chamado Observatório COVID-19 e no âmbito desse Observatório foram feitas várias iniciativas no sentido de produzir o monitoramento da pandemia em várias populações específicas, né? Então, um dos eixos que foi que a Fiocruz constituiu, foi um eixo para monitorar os impactos sociais da pandemia nas favelas, né? A ideia basicamente era reunir reflexões que pudessem subsidiar políticas, ações e iniciativas de enfrentamento da pandemia. E a gente participou dessa iniciativa junto, várias unidades da Fiocruz foram convocadas a estar participando disso. Então, no âmbito desse processo, a gente constituiu um grupo, né, que era um grupo formado por lideranças de favelas, coletivos, articuladores locais e que tinha essa intenção de primeiro, de reforçar as articulações, né, que estavam rolando naquele momento e de produzir reflexões que embasassem as ações que a própria Fiocruz estava fazendo e que outras e que orientassem outras políticas públicas também. E, no âmbito desse processo, uma das coisas é, nós tivemos duas experiências, né? A Fiocruz fez várias coisas, várias iniciativas foram feitas, né? O dicionário teve várias participações nesse sentido. Então essa daqui foi uma iniciativa dentre várias outras. Então, dentro desse eixo favelas, uma das coisas que surgiu naquele momento foi um esforço duplo, no sentido de tentar produzir um acompanhamento epidemiológico da situação da pandemia nas favelas e, por outro lado, um monitoramento também dos impactos sociais. Itamar

participou, foi um interlocutor muito atuante nesse período lá com a gente. E o resultado desse trabalho, uma das coisas que aparecia muito forte dentro do próprio grupo, era uma avaliação e uma análise de que, naquele momento, começou-se a analisar a pandemia de uma maneira muito conjuntural e um dos aspectos que esse grupo chamava atenção era a dimensão histórica das desigualdades que a gente não podia considerar apenas aquele momento da conjuntura. Então, no âmbito das atividades que a gente foi fazendo surgiu uma ideia da gente montar uma espécie de revista que era o que sistematizava os encontros que a gente fazia, que foi o que deu origem a um boletim informativo chamado “Radar COVID-19 Favelas” e considerando a avaliação que o próprio grupo fazia de que era preciso continuar e reforçar essas linhas para além da pandemia a gente continuou tocando esse trabalho. A revista, a gente tem uma revista que é uma revista eletrônica chamada, a gente mudou depois o nome para “Radar Saúde Favela”. E queria aproveitar para divulgar que um dos materiais que a gente acabou de produzir, que é esse livro aqui que dentre os vários assuntos, as várias questões que foram aparecendo também relacionados à favela. Uma das coisas também importante que apareceu é a presença indígena nos contextos urbanos, nas favelas, e aí surgiu uma ideia também da gente produzir um material a esse respeito. Mas retomando a questão, aqui eu queria, para começar e passar a palavra aos convidados dessa mesa, retomar uma conversa que a gente organizou na época que foi uma conversa entre a Sônia Fleury e o Itamar. Eu acho que ali a gente começou, vocês colocaram as discussões que eu acho que agora é um momento a posteriori para retomar as questões que eles colocaram naquele momento para a gente pensar aqui coletivamente. É, eu lembro de uma fala, né? Da fala tanto da Sônia como da fala do Itamar que era chamando atenção para a relação entre a pandemia e as questões sociais. A capacidade que as pandemias têm de colocar em ebulição as questões sociais. E duas questões sociais que apareceram no primeiro momento da pandemia foi a questão da pobreza e da miséria. E as favelas, inicialmente, começaram a ser lidas um pouco nessa chave, só que a questão das favelas, ela é muito mais ampla do que isso. Então, algumas questões que surgiram era exatamente pensar na capacidade que as favelas tinham, que a questão da favela tinha de mobilizar uma agenda política e de que maneira e em que medida isso poderia ser sustentável para além da pandemia. Eu acho que esse é um momento interessante para a gente pensar exatamente essas questões, né? Qual é a capacidade de... qual era o grau de politização das mobilizações que aconteceram, né, que tiveram muita evidência em algum momento da pandemia e depois isso foi saindo de cena. Quais são os recursos políticos que os grupos tinham, tem, para poder produzir um enquadramento, um novo enquadramento do lugar da favela na cidade. Então eu acho que a gente tem aqui uma equipe,

um grupo aqui maravilhoso para a gente colocar, recolocar e retomar essas questões. Pelo menos essa, acho que são algumas questões, um ponto de partida para essa conversa, mas obviamente, se vocês quiserem conversar sobre outras coisas, o espaço está aberto porque eu não tenho esse poder. Então, assim eu vou passar a apresentação dos nossos convidados e a gente começa a nossa conversa. Primeiro, pedir para Buba e para Gizele falar porque elas serão homenageadas mais uma vez. Então eu vou começar apresentando a Buba, a Buba é patologista, socióloga e comunicadora, articuladora institucional e assistente de pesquisa da Iniciativa Pipa é co-fundadora do coletivo Fala Akari e do movimento Favelas na luta, formada em Análises Clínicas pela FAETEC, em licenciatura em Ciências Sociais pela UFRJ e em Comunicação Comunitária, pela hack da Agência Notícias das favelas. Gizele Martins é jornalista e mestre em educação, cultura, comunicação e periferias urbanas. Moradora do complexo da Maré e militante dos direitos humanos. Atua, quer dizer, eu não sei se atua, mas está aqui que atua na comissão de direitos humanos da Alerj. Isso acho que já é. Mas é doutoranda. Isso eu sei, não é isso? Depois vocês acabam as apresentações de vocês. É Thamires Ribeiro é conservadora, restauradora do Museu da Maré, mestranda no Programa de Pós-graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz. Itamar Silva é presidente da associação Escola sem Muros grupo ECO, instituição que atua na favela de Santa Marta desde 1978. É conselheiro do Dicionário de favelas, Marielle Franco e da Rede de Observatórios da Segurança do Rio de Janeiro, do CEsEC e membro da equipe da Universidade da Cidadania da UFRJ, ativista social militante do movimento de favelas do Rio de Janeiro desde o final dos anos 70. Daniela Lopes é assistente social.. tem uma lista grande aqui. Está todo mundo aqui ? Está né. Daniela é assistente social, especialista em políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher pela PUC-Rio. Liderança no Complexo de favelas da Mangueirinha em Duque de Caxias onde mora, Integrante do Fórum Popular de Segurança Pública do RJ, representando o Instituto Nós em Movimento, do qual faz parte da diretoria executiva, além de ser pesquisadora bolsista da Fiocruz. Vitor é estudante de Direito da UERJ, Diretor de Desenvolvimento Territorial do Instituto Nós em Movimento, articulador do Movimenta Caxias, além de pesquisador-bolsista da Fiocruz. Camila está aqui? Camila não veio, né? Bem, eu vou fazer a apresentação dela caso ela chegue. Camila é cria do Complexo do Alemão, defensora dos direitos humanos, militante na questão habitacional e coordenadora do Mulheres em Ação no Alemão, MEAA, foi premiada pelo Front Line Defenders 2021, evento que reconhece o trabalho de ativistas de direitos humanos no mundo. Então eu passo a palavra para Buba. Para Gizele, então Gizele, depois Buba.

Gizele Martins: Boa noite. Primeiro, eu estou feliz de estar aqui, junto com meus parceiros e parceiras de atuação, mas também de pesquisa. É muito importante a gente estar ocupando esse espaço. Demorei a entender isso, mas hoje eu sinto a necessidade, né? Afinal, a gente fala de um espaço que ainda é branco, de um espaço que ainda é muito racista e que muitas das vezes estupram mais a gente do que colaborem. Então que bom que eu estou aqui entre pessoas que é, é atuam juntos e que são minhas referências também. Eu estou aqui ao lado do Itamar, pelo amor de Deus. É muita coisa, Itamar, Thamires do Museu, a Buba, a Dani, o Vitor. E agradecer, eu acho que eu é ter essa oportunidade de agradecer ao Fábio, porque olha, me perturbou na pandemia, mas eu perturbei ele também na pandemia, viu? Mas agradecer porque ele foi uma pessoa fundamental na disseminação e na articulação dos comunicadores dos coletivos junto com a Fiocruz também. Ele teve esse papel para além da articulação, foi um papel de escrever nossa memória. Isso é muito importante. Escrever nossa memória é muito importante, escrever nossa história a partir da nossa fala é muito importante, porque hoje a gente vê inúmeras pessoas escrevendo sobre nós, como historicamente escrevem, mas que a gente consiga ter pessoas parceiras na pesquisa que escrevem com a gente. Ele respeita muito isso. Eu já acompanho o trabalho dele há muito tempo, da Palloma também. Eu sou Gizele, cria da Maré, eu integro o dicionário Marielle Franco já desde o final desse ano, não, meio do ano, já me perdi, mas que bom que também estou num lugar onde eu consiga, junto com o Arthur, junto com uma galera que está lá, cadê? Aqui está o Caio, Caique. Ai, meu Deus, eu já passei da idade, já não consigo mais decorar, não. Mentira é que tem muita coisa na cabeça, mas que bom que eu estou nesse lugar, onde eu consigo também integrar a minha prática e também a pesquisa, né, que conseguem estar ali respeitando também o meu formato de pesquisa e o meu formato de ser militante também que quando está tudo errado, eu vou lá e grito, né? Tu já sabe também, né? Eu vou lá e grito, a Buba também já sabe. Eu vou falar um pouco sobre esse lugar do 18/03/2020, que é quando eu puxo ali no meu Facebook, velho Facebook, uma reunião e falo: “a pandemia está vindo aí, a gente não sabe o que é que é a pandemia da COVID-19 e a gente precisa fazer alguma coisa, a gente precisa se comunicar entre nós mesmos e a gente precisa se articular e se mobilizar”. E eu convoquei uma reunião no Facebook, eu fiz aquilo, nunca mais faço na minha, isso na minha vida. É, e aí apareceram naquela noite 30 pessoas e a gente falou que precisávamos fazer um plano de comunicação e nesse plano de comunicação que fosse, com linguagem acessível ao local que fosse com uma comunicação entendendo também as nossas particularidades de um lugar que é a favela, que historicamente sofre com racismo, que historicamente sofre, consequência do racismo, a

desigualdade. A gente é estereotipado, mas para além do estereótipo, a gente também é estuprado pela academia, a gente é estuprado por tantas, pela mídia e eu falo de estupro mesmo, porque é um estupro intelectual também, mas eu falo desse lugar também, que é do governo, que é da falta de políticas públicas. A gente já sabia que não ia ter água ali, afinal, a gente já não tem água. A gente já sabia que.. como é que a gente ia recomendar as casas estarem arejadas, se a gente já não tem janela? A minha casa era numa ocupação, uma casa colada na outra e é sobre isso. Fiquei 2 anos e meio trancada naquele quarto, junto com a minha família, uma família inteira de grupo de risco e eu também. A gente já sabia, por conta das recomendações da COVID a gente pensou e falou: “não é possível a gente seguir essas recomendações, não é possível a gente ficar em casa porque também a nossa população não tem carteira assinada”. Eu falo dos sindicatos também, que não consideram a gente como trabalhador. Isso é muito importante colocar, os nossos trabalhadores são trabalhadores precarizados, sem carteira assinada e que a gente na esquerda é tradicional, branca, não considera os nossos porque não tem uma carteira assinada ou porque não está ali num coletivo de professores ou de jornalistas não consideram a gente como trabalhadores, né? Então isso é muito importante. E aí a gente fez um plano de comunicação entendendo que a gente precisava atingir o maior número de público-alvo dessa favela que é a favela da Maré, que tem 140.000 moradores. Vocês conhecem a Maré, a melhor favela do mundo? Desculpa Boba. Desculpa Itamar. Desculpa, Giselle, desculpa, mas isso é verdade? A Thamires vai concordar comigo, não é? É a favela que tem o Museu da Maré, desculpa, que tem um museu, o primeiro museu numa favela no mundo, é só sobre isso, não é não?! É a melhor favela. E aí a gente pensou em carros de som, bicicletas de som, faixas, cartazes e para além disso, a gente quis ocupar também as redes sociais, o Instagram, o Facebook. A gente fez um site que já derrubaram o site, a minha memória, a memória inteira aí da Frente Maré. TikTok, óbvio que não era eu no TikTok, Twitter. E aí a gente quis alcançar as várias mídias digitais também. Arthur está aqui, que é velho também na comunicação comunitária que nem eu. E aí eu chamo as comunicações antigas, faixas, rádio, podcast, rádio post de velhas mídias e a gente também quis atingir as novas mídias. Não é assim que você fala? A gente que está velho na comunicação. E aí a gente quis atingir e com linguagem acessível ao local, né, que tem a ver com a nossa, a nossa identidade também, porque não adiantava pegar os os termos difíceis da Fiocruz, dos sanitaristas e trazer para favela. Por exemplo, uma coisa que a gente teve logo de início, quando a gente fez a primeira leva de comunicação, eu lembro disso como se fosse hoje para o que que a sars-covid, não sei das quanta. Eu: “caraca, isso não vai colar”. E aí todo mundo falava, Gizele, tem que falar, coronavírus, tem que falar coronavírus, senão ninguém vai

saber o que é que é. E aí a gente para além de falar coronavírus, a gente fez aquele bichinho na comunicação da Frente Maré, que é o vírus, né? E aí a gente começa a tentar atingir uma favela inteira, só que aí a gente também se deparou com a falta de grana. E aí falar da vulnerabilidade desses comunicadores, mas também desses coletivos de comunicação comunitária, né Buba? A gente não tinha CNPJ, então eu de uma forma inocente fui lá, emprestei e publicizei a minha conta bancária, que isso posteriormente trouxe muitos... Gente, eu estou com o CPF cancelado e eu nem morri ainda. Mas para além disso, a Thamires sabe, me trouxe outras vulnerabilidades na favela também, que é pessoas querendo entender para onde estava indo aquele dinheiro. A sorte é que o Museu e o CEASM emprestaram o seu financeiro, de uma forma muito solidária, mesmo para me ajudarem a ver o que é que estava entrando, saindo e notas e o que é que a gente estava comprando? Porque se não fosse isso, eu teria me ferrado de outras formas também. Nesse lugar que é muito vulnerável também. Eu falo da vulnerabilidade que é da gente que é comunicador e que é comunicadora, mas que também é de coletivos de comunicação e outra coisa muito importante hoje até dei uma entrevista sobre a Frente de Maré e eu falei que esses foram os únicos meios que hoje não chamam mais de meios de comunicação. Nós somos agentes de comunicação e agente de liderança local dentro desse lugar que é a favela, a gente só conseguiu mobilizar nossas favelas e éramos os únicos em março de 2020, mobilizando as favelas e as periferias para falar sobre COVID. A gente só fez isso por conta de um histórico do movimento de favelas de auto-organização popular, comunitárias, de defesa da identidade local e porque uma favela como a Maré já tinha uma produção de comunicação comunitária há mais de 20 anos. Aí eu falo da importância do jornal cidadão, senão não teria conseguido mobilizar 30 pessoas naquele primeiro dia, mesmo com o vírus na rua, não teria conseguido mobilizar 120 pessoas assim como foi um mês depois, dentro da favela da Maré, que a gente conseguiu mobilizar 120 pessoas e só foi possível porque a gente já tinha um histórico de auto-organização comunitária de defesa e de organização nas ruas da favela. Porque fazer comunicação comunitária não é fazer para, é fazer com. Afinal, a gente é integrante desse local e aí a gente conseguiu fazer essa mobilização. Colocar aqui de novo, nós éramos os únicos nas favelas e nas periferias, fazendo algum tipo de auto-organização comunitária. E eu não estou falando só da Maré, estou falando da Providência, estou falando do Santa Marta, estou falando da Buba em Acari, estou falando de gente que fez comunicação comunitária lá no Recife. Estou falando de mídias comunitárias na América Latina e até na Palestina, porque o plano de comunicação na Maré foi parar lá na Palestina, foi parar lá na África do Sul, foi parar lá no México. É uma internacionalização dessa rede que a gente montou lá em junho, já em junho de 2020, a gente

montou uma rede estadual, nacional e Internacional para falar sobre a COVID-19 e saber nossas necessidades entre nós mesmos. E isso foi uma articulação da comunicação comunitária de favela periférica, indígena, quilombola do campo e fora isso. E aí chegou no final de 2020 para ser muito rápido, meu tempo já deve estar acabando. Para além de falar da comunicação, da COVID, de combater as *fake news* e a cada *fake news* a gente tinha que refazer o plano de comunicação e refazer o plano de comunicação era muito caro. A gente começou a gastar R\$5.000 por semana só com planos de comunicação, porque a Maré tem 16 favelas. São 14.0000 moradores, são 44 escolas, não sei quantas padarias que a gente colocava cartazes, mais de 20 passarelas. Não sei, 10 passarelas, não sei quantas passarelas a gente tem. A gente tinha que colocar faixa aí, tirava uma faixa. A gente tinha que colocar de novo e aí a gente também começou uma articulação interna na favela, de pegar as referências da favela. Os nossos influencers são favelados e não para fora da favela. A gente pegou nossos influencers de dentro da favela, o Zé da padaria, o cantor de funk, a Cláudia do Museu, a Amanda médica, a Amanda sanitaria. A gente colocou esses influencers da favela e o influencer não é na rede social, é uma influencer local de boca a boca de vizinho para gravarem vídeos e áudios também colocarem os depoimentos deles para que o máximo de pessoas ficassem em casa. A gente chamou pastores de igreja para também influenciar a sua igreja a permanecer em casa e não ir para o culto. Teve um tempo no morro do Timbau, eu lembro disso, que as próprias igrejas do morro do Timbau começaram a divulgar nossos áudios para os moradores ficarem em casa e o culto começou a ser online. Isso é um poder da comunicação comunitária. A gente conseguiu durante 2020, num período da favela, acabar com o baile funk. Nem foi a polícia, foram os comunicadores comunitários para ver nossa força e não foi com repressão, foi colocando a importância de fazer com que os moradores e a juventude ficassem em casa para não contaminar os idosos, os, principalmente, os idosos, porque estava crescendo o número de idosos também com infecção, morrendo, enfim. E aí a gente começou a fazer, chegou. A nossa comunicação comunitária andava na rua e as pessoas falavam, Gizele, Naldinho, Anizio, Vanuza, enfim, falava pra todo mundo, ó, não basta mais falar sobre comunicação é preciso falar sobre a fome e é preciso falar também sobre a violência doméstica que está aumentando na favela. Então, antes de aparecer as violências domésticas, estupros de criança na televisão, a gente já tinha esses dados que não eram dados específicos, que nem a academia quer. Números, mas eram dados que a gente estava vendo acontecendo nas nossas ruas. E aí a gente começa também uma campanha contra a violência doméstica. E aí lembrar que a nossa campanha não era para chamar a polícia. Jamais a gente vai chamar a polícia. A nossa campanha era, chame a vizinha, vá até um posto

de saúde, procure alguém conhecido, procure o influencer da favela, procure alguém para você sair dessa violência doméstica e para proteger a si própria e as suas crianças. A gente começou a fazer uma comunicação comunitária contra a violência doméstica e estupro também na favela. Para além disso, os moradores falavam, a gente está com fome, está com fome, está com fome. Não adianta dizer, para lavar, lavar a mão, se não tem água ou porque não tem gel e assim vai, né? E aí a gente começou junto com a Fiocruz e aí de novo, agradecer à Fiocruz. Não sou essa pessoa de agradecer muito às instituições, não, mas a Fiocruz merece porque reverteu para o Museu da Maré 4.500 doações de cestas básicas e kits de higiene e o Museu da Maré junto com a Frente da Maré organiza essa distribuição. E aí eu lembro que isso foi numa quinta-feira, a gente divulgou um formulário online às 17 horas e às 19:00 o nosso formulário tinham mais de 10.000 famílias pedindo comida e eu lembro que esse dia foi muito duro, muito difícil. Tá acabando? Foi muito difícil porque o estado colocou na nossa mão, colocou na nossa mão o dever, a obrigação de escolher quem na favela da Maré, com 140.000 moradores merecia receber uma cesta básica que não dava para passar nenhum mês. Isso foi muito duro, porque esse era o papel do estado. Esse não era o nosso papel enquanto comunicador comunitário escolher quem vai ganhar comida no meio de uma pandemia onde havia violência do estado, fazendo operações da nossa favela e a fome, que estava aumentando cada vez mais. Então, nos meus 20 anos, mais de 20 anos de comunicação comunitária, eu tenho certeza que esse foi um trabalho mais difícil que organizei e que eu fiz e que me dediquei na minha vida. Eu tenho 38 anos, eu comecei a comunicação comunitária com 16 anos. Eu comecei cobrindo chacina de amigos meus que eram assassinados. Eu nunca, eu digo que eu nunca fiz um trabalho tão difícil quanto esses últimos 4 anos de pandemia. E aí a gente distribuiu cesta básica, a gente hoje tem uma cozinha solidária, passou um ano fechada. Ano que vem a gente quer voltar também essa cozinha solidária, voltar também a ser comunicador e fazer comunicação comunitária. E para terminar dizer que hoje eu defendo e esse é o tema da minha pesquisa, porque a gente precisa escrever sobre nós, né? E tentaram roubar minha pesquisa, inclusive lá na UFRJ, dei na cara de um jeitinho, dei na cara, não, mas vocês sabem do jeito que eu sou, de uns gritos e no final nos escreveram não, não sei. Acho que ficaram com medo porque sou favelada. E aí para terminar, Fábio, colocar que hoje a comunicação comunitária, ela não é mais um meio só. Ela é um agente transformador de comunicação. A comunicação comunitária, ela nasceu para defender a autoestima, para resgatar nossa identidade, a nossa memória e escrever e reescrever nossa história, porque a nossa memória negra, favelada, nordestina, indígena, ela não está escrita, ela não está dada numa sociedade onde a gente sofre racismo todos os dias e para terminar

de verdade, dizer que a nossa maior mensagem em 2020, quando passava o nosso carro de som, era “quem tem água divide” que é o maior sentido da comunicação comunitária. Quem tem água divide. Quem tem arroz, divide. Quem tem solidariedade, divide. Esse é o sentido da comunicação comunitária. Esse é o sentido da auto-organização da favela. Esse é o nosso sentido na humanidade mesmo. É uma comunicação para a transformação, transformação de ideias, mobilização de ideias para mobilizar prática. E 2020 chegou aquele momento de mobilizar práticas e a gente convocou e vieram 120 pessoas para se mobilizar que já tinham lá sua mobilização de ideias atingidas e transformadas pela comunicação comunitária. Em 2020, fomos para a rua para mobilizar práticas. E é isso.

Buba Aguiar: Como é que fala depois da Gizele, né, gente? Já dá para levantar e ir embora. É bom, boa noite. Quero agradecer também o convite. É uma honra estar numa mesa como essa, num espaço como esse. Bom gente, vou pegar o gancho aqui da Gi, que lá em Acari, a gente do coletivo Fala Akari o lema principal da nossa comunicação no início da pandemia era, favela é coletividade, porque a gente estava vindo se eu não me engano daquele lance da geosmina. E aí a gente começou a fazer uma mobilização por conta da água, na verdade. A água de galão tinha aumentado consideravelmente. Porque é isso, né? Até na favela o mercado, ele flui conforme o interesse da procura. Então, obviamente, muita gente não tinha condições de estar comprando galão de água toda semana, às vezes até mais de uma vez na semana, dependendo do tamanho das famílias. E aí, logo em seguida a gente teve, eu não vou lembrar especificamente o motivo, mas a gente teve uma crise de falta de água que até então em Acari a gente nunca tinha visto. Tem aquela coisa de parar água quando tem manutenção e aí algumas localidades demora a retornar ao abastecimento de água mais do que outros. Só que nisso uma boa parte do território, juntando todas as favelas, obviamente, não é do tamanho da Maré, mas a gente tem lá microfavelas dentro da favela, porque a gente tem a Beira-Rio, a gente tem que é literalmente na beira do Rio Acari. A gente tem a parmalat, que é uma ocupação. A gente tem AITD que também é a ocupação de um prédio de uma transportadora. Temos o mangue seco que é uma favela de, sei lá, 3 ruas assim e de casas abandonadas, casas deterioradas e tal que inclusive foi na pandemia que eu conheci, de fato que era o mangue seco, eu só escutava falar. Tem o Terra Nostra que oficialmente não existe, porque é uma parte do território de Acari que foi desocupado e aí por “n” questões as pessoas, algumas pessoas retornaram. Porque é aquilo, né? É removido, você tem toda uma estabilidade no seu território, seu local de trabalho é próximo. Ali a gente tem Ceasa, tem Madureira, tem a Pavuna e aí a galera é remanejada para um lugar extremamente longe e por

mais que tenha se o imaginário muito preconceituoso do “Ah, o governo, o estado deu a casa pra pessoa e a pessoa alugou porque quer voltar pra favela pra se fazer de coitado”. Não, a pessoa tem uma vida já estabelecida ali no território, nos arredores, ela volta porque é o lugar dela. É ali. A gente criou, inclusive, uma discussão em Acari, do tipo, que Acari é uma favela muito boa, tá, Gizele?

Gizele Martins: Não falei que não é boa.

Buba Aguiar: A gente tem metrô.

Gizele Martins: É, a Maré não tem. Ganhou, ganhou. Tem moto táxi.

Buba Aguiar: Muito bom, inclusive. É, e aí a gente criou até durante a pandemia mesmo, essa coisa do favelado, ele não está na favela só porque não tem condições de sair. Muitas vezes ele quer estar ali. Eu sou uma que assim, enquanto estiver dando para ficar, eu vou, gente. Não estou pagando aluguel, sabe? Tudo bem que tem alguns serviços que são péssimos, né? Quantas vezes as nossas reuniões online caem? Porque o Wi-Fi é ruim. Mas, enfim, com todas essas problemáticas, a favela, ela não pode estar o tempo todo num papel de, a falta de opção sempre. Tipo, “ah, não tem como morar em outro lugar, vou fazer o quê? Vou morar aqui então”. Assim, a gente teve essa problemática da falta de água. Logo em seguida, depois do lance da geosmina, que ficou um bom tempo rendendo esse assunto. E aí nós fizemos a primeira campanha de mobilização, dessa coisa da solidariedade do vizinho. Se você tem água, cede a sua água e foi uma mobilização incrível, porque a gente via as pessoas realmente se mobilizando através dessa campanha do coletivo Fala Akari. O formulário. A gente rodou *forms*, grupo de WhatsApp e a galera começou a partir dessa campanha, fazer a sua própria organização nos becos, nas vielas. Tipo, “ah, olha gente, eu chego em casa tal hora na minha casa tem água, pode vir aqui que eu boto a mangueira na rua”. Você via mesmo. Você andava pela favela, a gente andava em Acari, a gente via as pessoas, tipo assim, toda galera de uma viela fazendo fila na casa da única vizinha que tinha água a partir de uma campanha nossa por conta de um *forms*, sabe? E aí vem a pandemia. Eu já não atuo na patologia desde 2014, mas tem coisas da área da saúde que é como andar de bicicleta, a gente nunca esquece, né? Se alguém me oferecer o braço aqui, eu ainda sei tirar sangue, tá gente?

Gizele Martins: Não, muito obrigado.

Buba Aguiar: Que isso Gizele? Logo tu. Mas e aí teve essa primeira reunião a nível Rio de Janeiro e eu ativei meu lado patologista, tipo eu “gente, pelo que eu andei olhando esse vírus, ele está num grau aí, tipo 4 da da escala de risco”. O grau 5 é aquele pessoal que anda tipo astronauta, tá ligado? Ou seja, o negócio é muito sério e ele vai se alastrar muito rápido e a gente sabe que quem vai se ferrar escancaradamente, nitidamente, é a galera da favela. Não só pelas questões de moradia, falta de água, polícia matando e tudo isso, uma saúde pública infelizmente muito precarizada, apesar de ser muito boa. Viva o SUS, né? A gente precisa realmente montar um plano de comunicação que dê um susto real na galera assim. E aí o hospital de Acari, o Ronaldo Gazolla, ele vira referência no Rio de Janeiro. Em seguida, tem uma reunião com Eduardo Paes. Uma reunião só de comunicadores, militantes, pererê parará de favela. Até então era só militante, não tinha influencer. E ele fala com maior tranquilidade que primeiro o hospital de Acari, ele não foi pensado para ter emergência. Porque até então, o nosso questionamento era “tá ok, beleza maneiro o nosso hospital tenha sido escolhido para ser esse hospital de referência”. É um hospital gigantesco, muito bom e tal, tal tal era referência uma das referências de maternidade e de cirurgias, se eu não me engano, cardiovasculares também, enfim. A gente, enquanto coletivo, Fala Akari, a gente se coloca à disposição, inclusive para trazer uma certa aceitação dos moradores que os moradores não queriam. Os moradores estavam assim “vai ferrar a gente” porque a galera do hospital vai almoçar dentro da favela. A gente tem perto da minha casa, da casa da minha prima, a gente tem uma churrascaria, a gente tem pensão e tal, então assim dá 11 horas a galera do hospital está circulando livremente dentro da favela e está tudo bem. Só que a galera saiu do hospital de jaleco para comer dentro da favela. Isso já é errado sem pandemia, né? Não dá, não rola, não pode. E a maioria dos moradores estava assim “Ah, a gente não quer, não quer. Vai dar ruim que não sei o que e tal. A gente vai ser muito contaminado, não sei o quê”. E aí a gente fez todo um trabalho do tipo assim, gente, vamos fazer desse limão aí uma caipirinha. Já estou esquematizando mais tarde. Quem sabe essa não seja a chance em meio ao caos da gente fazer as nossas incidências políticas? Tipo assim, Ah, o hospital, a gente passou a ter muitos casos infelizmente de recém-nascidos machucados, certas seções do hospital fechadas, porque estava caindo um pedaço do teto em cima de incubadora. Eram umas coisas assim, bem bizarras mesmo, sabe? E aí, tipo, tá beleza, isso aí vai ficar fechado agora ou vai ser reformado para poder ampliar o número de leitos para infectados da COVID tal, tal tal. Mas e depois isso vai ficar às moscas? Não, então vamos transformar isso aí a favor da própria comunidade. E aí o prefeito vira e fala tipo, não, não tem emergência, não foi pensado para ser

emergência. Em poucas palavras, ele deixou muito explícito que tinha sido proposital por ser muito na beira da favela mesmo, tipo assim, a Acari não é um hospital de Acari, porque ele é perto, ele é praticamente dentro da favela, é uma rua muito menor do que essa largura da dessa sala aqui o que separa a entrada real da favela para o hospital. Muitos moradores trabalham no hospital, na área da limpeza, na área da segurança, obviamente a gente não tem nenhum médico de Acari trabalhando no hospital, mas tem uma proximidade com o território e uma proximidade verdadeira, sabe? Então isso foi bem chocante assim, ele deixou claro que isso não ia acontecer nem naquele momento e nem no outro. Morador de Acari não teria prioridade no atendimento. Ah, está morrendo ali com falta de ar, ele vai ser mandado pra onde tiver emergência para depois, se for o caso dele ser internado ali no hospital de Acari ele vai por transferências. Tipo assim, a gente sabe que não é muito bem assim que funciona. E aí os moradores começaram a também ir por outros meios, que aí eu já não vou adentrar muito aqui, mas tinha outros meios e aí eles preferiam acessar esse outros meios. Tipo minha mãe está morrendo em casa com falta de ar e se eu tirar ela daqui para levar ela para UPA de não sei da onde, ela vai morrer no meio do caminho. Vou botar no burro sem rabo, vou levar para para a frente do hospital e se ela morrer na frente do hospital, a culpa vai ser da direção do hospital, porque a gente não tem prioridade. A gente está aqui do lado, não tem prioridade, enfim. E aí tivemos isso, né? Obviamente, depois dessa reunião, o Eduardo Paes já não ia muito com a minha cara mais. Mas conseguimos fazer várias incidências. Fiz, começamos essa campanha também bem, bem de guerrilha de antigamente. A gente não tinha muito carro de som, porque a gente é baixa renda. E é isso Acari tem muito beco dentro do beco de outro do beco. E aí a gente tinha bicicleta que o som era horrível, mas era o que a gente tinha. A gente tinha faixa, a gente também fez essa comunicação mais simplificada, não porque a favela é burra, mas porque realmente não dá nem pra falar sars-cov não sei o que lá o tempo todo a gente se enrola. Coronavírus era muito mais fácil, depois estourou o funk da bactéria. Cara, era muito bom esse funk e aí a gente começava a rodar esse funk pela bicicleta de som. Lá a gente também pendurou muito o panfleto, muito cartaz, a gente até chegou a fazer panfletagem, mas aí a gente também ficou, tipo, caraca, papel é um de contaminação. É uma forma de repassar o vírus para outras pessoas. E aí a gente teve muita orientação, por exemplo, de profissionais da clínica da família. A gente teve uma troca muito grande com CRAS do território. Foi um momento que a gente conseguiu de fato reunir nesse primeiro momento os diversos aparelhos existentes e atuantes dali do território, sejam organizações como a gente do coletivo, mais uma outra galera que também fazia trabalho esportivo, trabalho educacional, essa galera da clínica da família, do próprio hospital, tinha uma galera ali, bem acessível e que participava de

algumas ações com a gente, justamente para levar essas orientações de saúde de uma forma melhor, porque é aquilo que eu falei, eu não estou atualizada, eu já estou afastada há muito tempo, então eu não poderia fazer isso enquanto profissional assim. E aí a gente é muito atravessado no início da pandemia, pela violência de estado, policial especificamente e a criminalização da mídia. Por quê? Criaram um carro pessoal da associação de moradores, começou a passar um carro pela favela e tipo gente, a partir das acho que era 8-9 horas da noite por aí, por favor, não fiquem na rua. Os bares eram fechados, você podia comprar o seu negócio e ir para casa, mas você não podia ficar no bar. Só que sempre tem aquela galera que fura o bloqueio do negócio. É a tia que fica no portão conversando. É o cara que está negando a seriedade do vírus, da pandemia e está no boteco bebendo e está no boteco conversando. E aí os próprios moradores botaram o apelido desse carro de “carro da lapada”. Tipo assim, gente, foram os próprios moradores, porque isso é uma coisa cultural dos anos 90, da época dos grupos de extermínio que atuavam na baixada. É que na favela até que não tinha tanto isso. É, mas era muito aquela coisa assim, por exemplo, eu sou oriunda de São João de Meriti e lá tinha essas coisas. Muito antigamente tinha aquela coisa assim, tipo, sei lá, domingo, final da tarde, iníciozinho da noite, todo mundo saía correndo, “Ah, sai, sai o carro da lapada está vindo” que não sei o que, que era pra matar alguém. Tem lugar que o nome era carro da linguça. Enfim, tinham vários apelidos tenebrosos. Em Acari colocaram o nome de “carro da lapada” porque a galera viu que meio que não estava funcionando e começaram a passar esse carro com um áudio mais incisivo, mais ameaçador, assim. Explicitamente falando “Ah, quem for pego na rua depois das 9 vai levar pau e não sei o quê. Não sei que lá vai levar madeirada”. Só que isso não estava acontecendo de fato, ninguém estava sendo agredido porque estava na rua depois daquele horário. Gente, não pergunta quem, com toda a sinceridade eu não sei quem foi. Tiraram uma foto desse carro e mandaram para o Extra ou o O Dia alguma coisa assim, algum jornal desse aí e junto, criaram uma *fake news* de um jovem, eu não lembro de onde, mas era algum desses países aí que ainda está em guerra. Era na Síria? Enfim, gente, algum país que não é o Brasil não era em Acari. O rapaz levando pauladas e não tinha, só tinha áudio dele tipo gemendo, gritando e tal, e espalharam esse vídeo falando que era em Acari. E aí o que é que o jornal fez? O jornal colocou de um lado a foto do carro e do outro lado, a foto do menino apanhando. Circula nas redes sociais imagens de um jovem sendo agredido por traficantes em Acari por estar na rua após o horário permitido pelo carro da lapada. Assim, gente, obviamente não iria concordar se isso acontecesse, mas se pelo menos o tal carro da lapada fosse dos traficantes e tivesse surtindo efeito, eu seria a primeira a falar “adoro o carro da lapada”, “passa toda hora assim, ó de hora em hora vai passando, vai dando

peteleco no outro, bota para casa mesmo”, mas isso não estava acontecendo. E aí a merda para piorar é que quando tiraram a foto, ele estava passando na rua do nosso espaço cultural, onde aconteciam algumas entregas de cestas básicas e onde a gente passava dia e noite. Eu não ia para casa na mesma época, eu fiz um reparo na minha casa e só depois que a pandemia estava, não se estabilizando assim, mas que eu estava conseguindo ficar mais tempo em casa, que eu percebi que a reforma tinha ficado uma merda, porque eu não ficava em casa. A gente ia dormir lá no espaço cultural. Eu troquei de sofá, o sofá da minha casa foi para o espaço cultural. Eu troquei armário de cozinha, o armário da minha cozinha foi para o espaço cultural. Tudo para que a gente conseguisse ficar a maior parte do tempo lá, de uma forma minimamente confortável, que é um galpão enorme e estava lotado de doação, de cesta, de água, de um monte de coisa, itens de limpeza, de higiene. E aí muitas vezes a gente ganhava um kit de limpeza que tinha, sei lá, 4 garrafas de cloro e a gente virava a madrugada inteira desfazendo aquele saco para fazer daquele ali mais dois, mais três. Então a gente ficava o tempo todo ali e aí aquilo ali se espalhou de uma forma muito bizarra e o poder paralelo que atua no território me chama e fala, tipo assim, vamos fazer uma AI, gente, olha, vamos fazer uma nota de esclarecimento. E aí eu: “boa ideia, se vocês quiserem, eu posso revisar”. “Não, você vai escrever, você vai fazer” e eu “não, gente, eu não tenho tempo”. Se me pedir para assinar um documento, não consigo assinar meu nome completo, que é até grande. Inclusive eu tenho outras coisas para fazer, eu posso revisar. E aí me mandaram o texto para ser revisado e tal, e aí eu fui falei “olha, eu acho que aqui” porque iria ser publicado na página da associação de moradores, e aí eu “olha, eu acho que aqui vocês estão meio que se criminalizando, dá uma mudada nessa parte. Eu colocaria assim, assim e assim”. Beleza, o negócio foi publicado na página da associação e tal, e aí, pediram para a gente repostar na página do coletivo. Eu falei, claro, a gente repostada é importante. A gente manda para a imprensa, a quem a gente tem acesso da imprensa da mídia hegemônica. E aí eu acho que, sei lá, passaram uns 2 dias assim, me mandaram uma mensagem assim “E aí não vai, vai compartilhar a nota na página do coletivo, não?”. Ai eu “vou, vou é porque eu esqueci de verdade”. “Po, é melhor tu postar logo, porque se não o cara pode achar que foi você que tirou a foto, né?”. E eu tipo “como assim?”. Cara, eu estou deixando de dormir na minha casa, eu estou correndo o risco de contaminar o meu pai, que apesar de ter 10 vezes mais saúde do que eu, é idoso. O tempo todo, assim, correndo atrás, cesta básica, que é uma coisa que, historicamente, o tráfico sempre fez na favela. Era fila do pão, terça-feira, na quarta era do leite, na quinta era do gás e tal. Correndo atrás de, tipo assim, tentar minimamente fazer com que as pessoas não passem tanta necessidade assim e ainda correndo o risco de acharem que eu tirei

foto para mandar para jornal do carro da lapada, sabe? E essa coisa da gente, às vezes a gente não dimensiona tanto assim os riscos que a gente está correndo dos dois lados. O tempo todo. Aí, beleza, a situação foi contornada e tal, ficou tudo tranquilo, só que aí a gente passa a ter uma escalada de operações policiais no nível absurdo. No início da pandemia, mas já pandemia mesmo, Acari foi a favela com o maior número de operações policiais com pessoas mortas. No mesmo dia que o João Pedro foi executado, a gente teve uma morte, duas mortes em Acari, só que um rapaz morreu e foi levado ao IML normal. O outro menino foi pego num beco, ele não tinha ligação com tráfico, ele não tinha atuação com tráfico. A gente não entendeu muito bem a circunstância, mas é aquela coisa de sempre: se você está ali num beco, você é preto, você é jovem, você não sabe explicar mais ou menos o que você está fazendo ali, você é bandido, você vai morrer. E aí os policiais botaram, enforcaram ele, enforcaram com saco plástico, mataram ele a base de facada. Botaram o corpo dele em sacos e sumiram com o corpo do menino. O menino ficou umas 36 horas com o corpo dele desaparecido. O pai correndo o Rio de Janeiro inteiro para saber onde estava o corpo do menino e eu tenho que monitorar toda essa situação. A outra situação foi a gente recebendo uma doação de álcool 70 do Flamengo. E aí eu fui na frente do do hospital para buscar as caixas e tal, e aí uma pessoa me liga e fala assim, você precisa ir na rua tal, porque um moleque foi baleado e está quase morrendo. A família está envolta tentando socorrer e os policiais estão impedindo que ele seja socorrido. Aí eu falei, tá bom, eu vou. Vou deixar aqui essa caixa no trailer aqui em frente ao hospital, tem trailerzinho e tal. Vou deixar aqui, vou passar em casa, pegar a carteira de imprensa e vou pra lá pro lugar. O moleque estava com sete tiros. Ele tinha tomado 7 tiros. Ele tinha envolvimento com tráfico. Alguns dos tiros foi com a pistola que pertencia ao tráfico, mas que não era dele, ou seja, da onde os policiais tinham tirado aquela pistola. A gente não sabe, a gente supõe. E ele estava realmente morrendo. Um tiro pegou na cabeça, o outro, um deles, pegou no pescoço, atravessou e saiu não sei aonde. Hoje, ele milagrosamente está vivo, mas está com muita sequela. Claro, né? Enfim, dois episódios que a gente passou só no início da pandemia os outros eram o caveirão parado em frente ao espaço cultural, enquanto a gente estava distribuindo cesta básica. E é aquela imagem do terror psicológico, porque mesmo não havendo troca de tiros, só do caveirão estar ali era uma confusão. Era idosa correndo com a cesta na cabeça e tal. E aí é importante pontuar que quando a gente está falando de insegurança alimentar, quando a gente está falando de favela, a gente está falando de mulheres pretas que são mães. Mulheres negras que são mães. E aí eu destaco aqui dois, alguns dados de duas ações que a gente fez que uma dessas ações foi na ITD: 44,4% das pessoas responderam que é se declararam enquanto

pretas, 38,8% enquanto pardas, 84,2% mulheres, dessas 74% mães. E uma outra ação que a gente fez no nosso espaço cultural, 50,2% se declarando pardos, 31,6% se declararam pretos, 81,5% mulheres e destas 68,4% são mães. Então assim sempre que a gente fala desses temas, violência, policial e segurança alimentar, moradia. Todas as violências que atravessam a favela, essas violências, elas estão atravessando mulheres negras que são mães, porque por mais que a gente tenha um número absurdamente maior de homens negros sendo mortos de diversas formas. O filho desse homem vai ficar para mulher criar, seja ela a mãe da criança, a mãe do cara que morreu, a irmã, a prima. Quando o cara fica doente, quando o cara leva um tiro e fica com sequelas ou vai preso. Quem custeia é a mulher, a mãe ou avó, principalmente. Quando vai para o hospital, quando fica com sequelas, fica numa cadeira de rodas e fica numa cama, quem está dando assistência é uma mulher e essa mulher não é uma mulher branca do asfalto que está colhendo os dados para fazer cartilha e colhendo.. Ah, desculpa, gente, calma, está bom. Acho que já deu meus dois minutos. Mas é isso. Quando a gente pensar em violência, a gente pensar em pandemia, a gente pensar em necessidades e direitos básicos são as mulheres. E para terminar, também são as mulheres que fazem o enfrentamento porque em junho de 2020, quando a gente foi para as ruas fazer as manifestações para tentar diminuir o número de operações e mortes por ações policiais dentro das favelas durante a pandemia, inclusive com a bênção do movimento Black Lives Matter, que muitas organizações brancas do Rio de Janeiro tentaram nos culpabilizar caso aumentasse os números de infectados na COVID-19 naquele momento, porque a gente estava na rua. Black Lives Matter virou e falou em reunião se eles estão matando vocês dentro de casa, vão para as ruas com todos os cuidados, mas vão para as ruas. E a gente virou e falou, nós vamos para as ruas. Quando a gente olha imagens, quando a gente olha falas são homens. Mas quem estruturou toda aquela mobilização, quem pensou em todos os cuidados, quem pensou em faixa, em medida de proteção para a gente realmente tentar não se infectar, quem pensou, comunicação, trajeto, enfrentamento à violência policial porque houve, fomos nós, mulheres, militantes de favela. Então eu encerro a minha fala mais uma vez agradecendo por estar aqui e principalmente ao lado dessas mulheres que inclusive, não por coincidência, são maioria aqui nesse espaço. É isso, gente. Ai é gente, a gente vai ter que ir. É mó feio, mas a gente se encontra para tomar aquele negócio mais tarde.

Thamires Ribeiro: Pedir para abrir a apresentação. É boa noite, prazer estar aqui com vocês representando o Museu da Maré. Eu vou falar um pouco de mim também, porque eu fiquei inspirada com a fala das meninas. Eu acho que é uma pena que elas não estão mais aqui, mas

é importante ter esse tipo de evento. Às vezes é difícil, né? Às vezes a gente está indo em outras instituições e às vezes a gente está num corre tão louco que a gente não consegue sentar ao lado de quem está na luta, no corre para ouvir o que tem a falar, né? E a gente vê o quanto já passou, porque se a gente for pensar de 2020 para cá, a gente já atravessou muita coisa, a gente já perdeu muita gente, então às vezes só parar para ouvir o que o outro tem a dizer e às vezes é o que eu percebo em iniciativas de favela. A gente está numa série tão louca de ajudar e a gente não tem tempo para sentar e escrever e produzir sobre o que a gente está fazendo, sendo que a gente faz coisa pra caramba. Isso também às vezes acaba afetando a gente nesse sentido. Mas então eu sou a Thamires, eu sou cria da Maré. Eu nasci na Baixa do Sapateiro, uma das 16 comunidades do território. Fiz parte do CEASM, do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, que é uma ONG que surgiu em 97 e que tem vários projetos. E tem início com os moradores do território que ingressaram na universidade pública, que eram engajados politicamente e tinham vários projetos. O primeiro foi o pré vestibular comunitário, do qual fiz parte e graças a ele, eu ingressei na universidade pública, fui bolsista de escola pública e atualmente estou no mestrado e atuo especificamente no arquivo do Museu da Maré. A gente trabalha com a preservação da memória, da história da região e o que eu estou especificamente vindo aqui falar com vocês é da atuação do Museu da Maré durante a pandemia. Foi importante a fala da Gizele porque a atuação da Frente de mobilização tem uma intercessão com o Museu da Maré muito importante. Então ela ter falado antes de mim é até me exime de falar algumas coisas sobre a Frente, porque ela teve, tem mais mais propriedade para falar do que eu, porque ela está envolvida no surgimento. Então é isso aí. Eu vou passando e falando com vocês. Então, o Museu da Maré é um dos, o CEASM é uma instituição gestora do Museu da Maré. O Museu da Maré é inaugurado no ano de 2006 através do edital do Ponto de Cultura que era um projeto do Gilberto Gil na época que ele era Ministro da Cultura. Então o museu, a princípio, ele foi pensado para ser uma exposição, mas ele foi tomando uma proporção cada vez maior e ele acabou “engolindo” os outros projetos. Por que o que acontece? O CEASM, ele tem um terreno que foi cedido em comodato no passado que era uma fábrica da indústria naval, que os projetos culturais do CEASM ocuparam aquele espaço e aí se tornou a casa de cultura em 2004. Só que quando vem esse edital é criado o museu que era só para ser uma exposição. Aí ao longo do tempo ele vai crescendo. Então o que a gente tem hoje é o Museu da Maré como principal. A gente tem também o arquivo Dona Rosina Vieira, que é onde eu atuo. A exposição de longa duração, a galeria, o outro galpão onde acontecem as oficinas culturais, como o hip hop, teatro e capoeira. A gente tem a brinquedoteca Marielle Franco e a biblioteca Elias José, que são os projetos que existem nesse

espaço. Então eu pensei junto com a Cláudia Rose também, que é coordenadora do Museu da Maré, em como a gente ia apresentar para vocês as etapas que se seguiram durante a pandemia. Se fosse pensar numa divisão dos fatos que ocorreram, então a gente tem essa primeira fase, que são de ações emergenciais, que de março a novembro, com a Frente de mobilização, realizando atividades no museu. Entre abril e setembro de 2021, a parceria com a Fiocruz. Nessa primeira fase, a Frente que começou com esses comunicadores populares comunitários, o Museu da Maré, posteriormente, junto do CEASM, se uniram à Frente e como espaço, espaço do museu é muito grande eles utilizaram como um QG para armazenamento de material de limpeza e de cestas básicas. Esse trabalho de limpeza e de distribuição era feito lá. Quer dizer, na verdade, não de distribuição. A gente sabia dessa necessidade de evitar a aglomeração. Então, as pessoas faziam a logística mais difícil que era levar as cestas até as pessoas. Então esse era um trabalho complexo de ser feito. Precisou de muito trabalho, então depois eu vou mostrar para vocês como era dividido os GTS, quem era responsável pelo quê. E a Fiocruz nisso também contribuiu com a com as cestas básicas, com esse material e depois com a saída da Frente do espaço do museu, que eles conseguiram uma cozinha social no Salsa e Merengue também, essa cozinha que a Gizele chegou a comentar. Então a gente tem a parte, essa segunda fase de reorganização do espaço na formação da equipe e participação de eventos virtuais, porque se separou em três partes a equipe. Das pessoas que eram grupos de risco, ficaram em casa e ficaram em atividades remotas; as pessoas que ficaram participando das atividades da Frente no Museu da Maré; e tinha o meu caso também, que eu não era grupo de risco, mas eu tinha, morava com pessoas idosas, então eu preferi não me envolver também por conta disso. Mas eu entrei mais nessa fase, que é quando as atividades começaram a ser retomadas no espaço, então, a gente focou na limpeza, na organização do espaço, porque a gente tem muitos objetos. Nosso acervo é muito, a gente tem objeto, arquivístico, bibliográfico, museológico, então isso. A gente por conta disso, a gente não tinha condição de cuidar da manutenção do museu e ajudar na logística da pandemia. Então a gente deixou de lado, então, a exposição acabou ficando muito suja e tal, então. A gente focou mais agora nos objetos, porque é sempre que a gente fala da, tem uma fala do Mário Chagas que “o museu que não serve pra vida, não serve pra nada”. Então não tinha sentido a gente ficar cuidando dos objetos enquanto as pessoas estavam morrendo na pandemia. Então a gente se pautou por essa lógica. Então, a gente tem essa terceira fase que é o edital da Fiocruz de apoio a ações emergenciais no enfrentamento ao COVID. Teve isso que a Gizele falou do CNPJ que o CEASM cedeu. Como é uma ONG de 97, então tem essa experiência, essa expertise e que ajudou Gizele nesse sentido. Mas teve outro também, que era, tinham faixas de

valores, então esse que foi uma pra cozinha solidária, foi uma faixa de R\$50.000, o do museu teve um outro projeto que era de 150, que um dos um dos produtos que foi gerado a partir desse trabalho foi essa cartilha aqui. O projeto é a Maré do Bem Viver, que consiste em várias atuações. Então um desses produtos foi isso aqui, que fala sobre os direitos, de cidadania, várias estruturas que tem na Maré, postos de saúde, escolas. Coisas também falando com os moradores dos direitos que eles têm, muitas vezes até não sabem, porque às vezes não é do interesse ou não chega. A comunicação não chega até os moradores. Então até peço para se vocês quiserem. É sim, obrigada. Então, aqui está como foi dividido os GTs. Então a gente tem o GT de comunicação, responsável pela criação do conteúdo para as redes sociais, do website, carros de som, cartazes e faixas informativas. O GT captação de recursos/editais, responsável pela inscrição das ações desenvolvidas pela Frente e editais e captação de recursos gerais. O GT de cadastro, responsável pelo mapeamento de cadastro das famílias que estão recebendo doações pela organização das informações sobre as famílias, criando uma lista a partir das urgências e dificuldades relatadas no cadastro pelos contatos com as famílias para agendar a entrega das cestas e seguindo o calendário definido pelo GT. Tem o GT mobilização de rua, responsável pelas ações diretas de conscientização e cuidados nas ruas e mobilização para colocação de faixas e cartazes informativos em lugares públicos. Tem o GT recepção e entregas, responsável pelo recebimento de cestas, higienização e entrega para as famílias. Todas as ações referentes ao recebimento e higienização das cestas e abertura e fechamento do espaço do museu é esse GT também colabora com as entregas de cestas nas residências dos moradores da Maré. Eu queria dar um foco no GT do cadastro, porque ele foi muito importante nesse sentido de levantar quem eram as pessoas que estavam em situação de maior vulnerabilidade do que outras. A gente tem, parte da diretoria do CEASM fez parte desse GT do cadastro e pessoas também que às vezes não faziam parte, mas já tinham sido, passados por formação política pelo CEASM. Eu destaco a Juliana, que é pedagoga, e também a Denise Rocha que é assistente social. Quer dizer, era, é minha cunhada que infelizmente faleceu de COVID. Então, deixo aqui também uma homenagem para a Denise, que teve um papel muito importante. Às vezes usava o próprio carro para andar pela Maré, distribuindo cesta e era do grupo de risco, infelizmente. Mas foi uma das vítimas. Ai aqui agora vou mostrar algumas imagens para vocês de como foi o processo, para ilustrar melhor e vocês terem, ser menos abstrato a minha fala. Ai aqui a gente tem reuniões no pátio para discutir as questões. Aqui é um é recebimento também de cestas que eram deixados dos caminhões. Então a gente tem o galpão do teatro que foi adaptado para a gente colocar as cestas no chão. E aqui já é o momento das pessoas andando pela Maré e eu não vou saber qual, qual dessas comunidades

porque a maré é muito extensa, mas também fazendo esse já esse trabalho já na rua. Então a gente também falando das atividades remotas, vou passar aqui algumas das atividades que a gente foi fazendo de maneira remota. A Cláudia Rose, que é coordenadora, ficou conhecida entre a gente como rainha das Lives, porque ela estava sempre por ser grupo de risco também, então ela era muito solicitada para estar. E a TV 247 foi importante também porque sempre tinha esse boletim, então, sempre que tinha uma notícia nova, eles estavam atualizando isso no canal do YouTube deles, então foi muito importante. Tem vários vídeos no YouTube sobre isso. A gente tem aqui também Lives de comemoração ao aniversário tanto do CEASM quanto do museu. Ou coisas, também celebrando o Dia Internacional dos Museus. Aqui já é o aniversário de 14 anos do museu. Formação da equipe de Museologia a partir da favela. Também os movimentos sociais e a pandemia de COVID com várias pessoas de movimento social também participando. A gente teve também essa dissertação que foi defendida online, que é do o Bapt, o Carlos Augusto Batista, que falou sobre o Museu da Maré também na dissertação dele. A gente tem também aqui uma da Fiocruz que a gente fez algumas também. Cláudia fez parte dessa, mas outras pessoas também, várias outras pessoas da equipe participaram. Roda de conversa de rede de Museologia, porque a gente faz parte da REMOS, que é a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro, então também teve várias Lives. Aqui é focando mais no trabalho técnico que a gente desenvolveu. Então a gente teve essa parte de limpeza do espaço na o processo de higienização dos objetos museológicos. Eu aproveitei também esse momento, já que a gente estava em contato para tirar foto e fazer um registro. É que hoje está auxiliando a gente também no Tainacan, que é um software que a gente faz a catalogação dos objetos. Então o mês que vem também a gente vai fazer o lançamento do site do museu, com parte do nosso acervo que foi digitalizado. Então esse momento que a gente que a gente tem muita demanda do público, então a gente aproveitou também para dar uma atenção para esse lado, que é o do registo também que a gente aproveitou esse tempo. Ai aqui a gente fala das atividades do museu com o público de um modo presencial foram retomadas em abril de 2022. A gente teve uma demanda muito grande porque como a gente ficou esse tempo todo remoto, a gente só voltou em abril de 2022, a gente teve uma demanda imensa das escolas. O museu, ele fica numa rua que de um lado dá na Linha Amarela e do outro na Avenida Brasil, e tem escolas de diferentes faixa etária também. Pelo menos, eu acho que umas três. Tem a escola Bahia, tem creche também, tem várias escolas só na rua, então só a rua do do museu já dá muito trabalho pra gente, fora as outras, universidades que marcam visitas também. Então a gente teve uma demanda gigantesca de professores, das escolas, de diretores e às vezes fazendo também visitas, querendo levar os pais juntos porque às vezes

causa uma confusão do pai junto da criança, junto do professor. Então a gente teve que passar por esse processo também de lidar com essa demanda muito grande da das visitas, mas foi muito importante também, porque a gente entende para que é que o museu existe. Porque era estranho também. A gente ficava muito no remoto e aí quando voltou a gente viu que o museu teve a vida de volta também com os moradores querendo também voltar a retomar as atividades. Fazer às vezes a festa de formatura de alguma turma e coisas assim, é isso. Aí eu deixo aqui o contato, caso alguém tenha interesse de falar comigo, obrigada.

Vitor Lourenço: Tá ligado, né? Oi, gente, tudo bem? Boa noite, me chamo Vitor, faço parte do Movimenta Caxias que é um coletivo lá da cidade Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Eu costumo falar que a nossa resistência ao processo de COVID, principalmente ao processo de combate à fome, vem antes da pandemia. A gente ali em 2019 com contato com o coletivo Terra, que é um coletivo do assentamento Terra Prometida lá em Duque de Caxias. Um assentamento da reforma agrária que já existe há 20 anos ali na cidade de Duque de Caxias. A gente faz, a gente tem uma ideia, a gente fala: “pô, o que que a gente pode fazer aqui para pensar financiamento, pensar como que a gente pode financiar os coletivos, as organizações?”. Eles falaram, vamos plantar alguma coisa e vamos vender. E aí a gente planta, faz uma plantação de feijão que rende ali quase 1 tonelada de feijão orgânico. A gente faz em Caxias a primeira experiência que tem dessa na Baixada Fluminense, a gente planta esse feijão em 2019, colhe ele, vende ele e a gente tem um resultado muito positivo que a gente consegue bancar o movimento social naquele ano com aquele feijão. Mas aquela experiência que a gente teve, trouxe para gente como saldo principal a relação entre o Movimenta Caxias e o assentamento. E essa relação, ela se desdobrou depois, durante a pandemia. Ali, em março, não lembro qual foi o dia, eu sei que bem no iníciozinho quando estavam começando a falar em lockdown, em fechar as coisas, não sei se vocês lembram dessa época. Que começou um boato, “a faculdade vai fechar”, a gente estava inclusive numa reunião para ver uma sala com pré vestibular que a gente toca, que é o “Mais Nós” e a diretora da universidade falou para gente “pô, vocês não estão sabendo não? Que provavelmente o MEC vai fechar as universidades”. Falou “o quê? Por quê? Como assim, vão fechar as universidades?”. “Ah, por causa da pandemia”. Aí foi um momento que falou para gente, que a gente percebeu, né, pô, chegou, né? Tá chegando aqui agora. E aí a gente nesse dois dias depois a gente fez uma reunião, ainda não tinha fechado nada, mas a gente fez uma reunião, falou “pô, a gente precisa pensar quais são as formas de resistência a esse processo que a gente vai ser muito afetado”. Caxias, a Baixada Fluminense vai ser muito afetada por isso, principalmente como já foi falado

aqui na mesa, né? Porque as orientações dos outros países eram, lave as mãos, era mantenha o ambiente arejado, era mantenha todos os protocolos de segurança, não saia de casa, mantenha o lockdown, trabalhe no *home office*. Só que isso não é realidade nenhuma nas favelas, nas periferias, na Baixada Fluminense e, principalmente, que a maior parte da população é que tem emprego informal, que, então, que é a galera que vai na rua, vender alguma coisa que é a galera que trabalha como camelô e como que faz isso, né? A gente pensou naquele primeiro momento, olha aqui, a gente tem que fazer, ajudar, como pode, sei lá, pegando água e distribuindo, pegando alimento e distribuindo, só que a gente é um problema principal: a gente não tinha dinheiro. Como é que a gente vai fazer isso? Como é que a gente vai distribuir alimento, vai distribuir água, vai é fazer, é campanha de conscientização, sem nenhum centavo e aí a gente lança uma campanha na internet na conta da Eduarda que tá ali, com a Helena. É uma conta com a na conta dela, no CPF dela, lança uma campanha, pô, vamos arrecadar aí uns R\$1.000 e aí comprar água, comprar sabonete e botar umas faixas. A gente faz isso dois dias depois de ter lançado a campanha, a gente arrecadou R\$1.000 e pouquinho. Aí, uma semana a gente começa a ver que está subindo as doações. A gente arrecada R\$20.000, a gente compra cesta básica. As primeiras 100 cestas básicas e começa a chegar a cesta básica também de doação de outros territórios, de outros locais e em um mês a gente tinha arrecadado quarenta e pouco mil reais. E a gente percebe, olha, eu acho que a gente tem que pensar a fome mesmo num processo maior do que só esses R\$40.000, do que que só essas 200/300 cestas básicas. E aí é quando a gente consegue articular um processo de campanha que é o “Agora é a hora” que foi em parceria com o instituto Marielle Franco, a ONG Criola e o Perifa Connection. A gente fez uma campanha em conjunto e essa campanha conseguiu arrecadar ali, no ano de 2020, 44.000 cestas básicas, não só para Caxias, mas para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro. E é um processo gigantesco que a gente faz um ano inteiro de doações, de ida nos territórios e tentando também fazer um debate com a população, porque é isso a gente fazer as entregas, mas tentava minimamente ali debater porque que estava acontecendo aquilo ali, que a gente tava ali de que tinha, estava sendo desenvolvido, vacina em outros países, mas não tinha notícia nenhuma de chegar a vacina ali no final de 2020, no Brasil. Não tinha nenhuma perspectiva de quando que ia chegar, então a gente debateu, pô, por que não tá chegando a vacina aqui? Por que não tem nenhum debate da vacina chegando aqui? Por que a fome tá aumentando? Porque é que a gente não tem opção de renda, de trabalho? E isso foi um momento ali de 2020, que a gente pensou, cara, não é só Caxias, não é só Baixada Fluminense que que tem esse problema de fome, de aumento dos processos de vulnerabilidade. Isso é um processo que está acontecendo no Brasil. E aí a gente

dialogando também com os parceiros da Coalizão Negra por Direitos, a gente pensa, uma campanha chamada “Tem gente com fome”, que é inspirada num poema de Solano Trindade, que é um poeta lá de Caxias. E ele fala isso “se tem gente com fome, dá de comer. se tem gente com fome, dá de comer”. [Inaudível 1:20:39-1:21:01]. Como combater a fome e a insegurança alimentar e tal. Tinha outros problemas acontecendo ao mesmo tempo. Em Caxias, a gente acompanha, a Giselle está aqui, a gente acompanha também o caso das meninas Emily e Rebeca. Foram duas crianças que foram assassinadas pela Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro em 2020, no ápice da pandemia, enquanto tinha um monte de gente morrendo de COVID, a polícia vai lá, dá um tiro de fuzil, mata duas crianças, primas, de 4 e 6 anos, em Duque de Caxias. E a gente como que a gente lida com isso? É fome, é criança morrendo e isso tudo acontecendo ao mesmo tempo. E a gente faz ali o processo de fazer o ato, incidência e até hoje o caso está lá rolando. A gente tá lutando para que os responsáveis sejam responsabilizados mesmo, porque até agora eles estão se isentando da culpa. E aí, e ao mesmo tempo, duas semanas depois da morte das meninas, ligam para gente e falam: “cara, estão desapropriando 56 famílias aqui na cidade”. Então a prefeitura estava ali tirando 56 pessoas, 56 famílias das suas casas no centro de Caxias e falaram que o prazo era uma semana pra eles saírem de casa com a indenização de R\$1.000. Que é a famosa família beira-beira que a gente ficou e na luta por vários meses com eles. A galera perdeu suas casas por causa da prefeitura que no final a gente conseguiu minimamente um acordo mínimo lá de um aluguel social, mas que não foi o resultado que a gente queria. A gente queria que todo mundo tivesse casa. Mas é isso, estavam tirando as casas das pessoas, estavam tirando a vida das crianças, estavam tirando as fontes de sustento de todo mundo e a gente não sabia o que fazer, né? Acho que a pandemia foi um grande processo de tentativa de resistência pra gente. A gente fala, a gente fala muito, os processos eles são vitoriosos, mas a pandemia não foi nada vitoriosa, gente. A pandemia foi uma grande derrota para a sociedade, principalmente para as periferias do Brasil e a gente tentou resistir ali o máximo que deu seja distribuindo alimentos, seja lutando contra as violências, seja lutando contra as desapropriações. Mas foi uma grande derrota e uma grande derrota, porque a gente tinha um governo ali que era negacionista, né, um governo que, pô, negou a compra de vacina, um governo que não deu subsistência para as pessoas durante esse processo, que não priorizou a vida das pessoas durante esse processo que o lucro, o lucro vinha primeiro antes da vida. Então foi muito, muito difícil, muito complicado. E aí a gente pensa, é, cara, o que é que a gente faz agora, né? Acabou 2022, as doações diminuíram, de 21 já tinha diminuído muito. 21 já tinha todo mundo ali, já teve um dissenso muito grande nas doações, enquanto a gente recebia uma grana para

conseguir comprar cesta básica, conseguir comprar alimento, no final do ano acaba essa grana. A gente tem que lançar a campanha nacional e aí a gente consegue mais um suspiro e a grana volta. E como é difícil conseguir recurso quando se fala de Baixada Fluminense, de Caxias e aí a gente consegue, faz as doações de novo. Em 2020, as doações param de vez, 2022, na verdade, acabam de vez e a gente ainda está na pandemia. 22 início ali até metade de 22 ainda era pandemia e as doações elas param de vez e a gente tenta pensar com os territórios com as lideranças territoriais, quais seriam as alternativas para gente continuar combatendo a fome durante o pós, o que seria o pós-pandemia. E a gente começa a entender que uma das soluções seria realmente a construção de espaços físicos de distribuição de alimento que seja a longo prazo, que seriam as cozinhas solidárias que se tornaram depois esse processo que hoje é conhecido como cozinha solidária. A gente aí nessa construção a gente conseguiu reunir uma série de cozinhas do estado do Rio de Janeiro para pensar junto. Primeiro começaram com cinco cozinhas solidárias. A gente pensou em um curso inclusive com a Fiocruz, que é o que está resultando hoje no processo que a gente está fazendo um curso de soberania alimentar e agroecologia com essas cozinhas solidárias e elas estão se formando num processo político de construção de fórum de cozinhas solidárias. Então a gente está pensando em como debater recurso, como debater política pública para esses espaços e para os territórios, já que a gente percebeu que realmente quando se fala em, e aí é mais polêmico mesmo, quando a gente fala de recurso, é o recurso só é interessante quando é bom para foto. Quando é bom para você pegar a cesta básica, botar lá na coisa lá e tirar foto. Agora, quando você não está na pandemia, quando a narrativa é que as soluções vão vir 100% do governo, quando a narrativa é, já vencemos, as pessoas continuam passando fome e a foto não dá like, então, os recursos não aparecem. E a gente tem pensado, como que a gente pauta mesmo esse processo de política pública para esses espaços de território de cozinhas solidárias, de espaços de agroecologia, para que esse dinheiro chegue nos territórios de fato e para que isso não seja um processo que seja sufocante. Pô, a instituição está ali distribuindo comida todo o dia, mas a instituição só tem três meses de existência de dinheiro ali para conseguir existir. Só tem mais dois meses. É sempre esse ciclo vicioso. A gente quer pensar isso a longo prazo. E eu vou, eu estou dividindo hoje a fala com a Dani, então eu não vou me alongar muito porque ainda tem muita coisa ainda vai falar e tem esse esse bebê aqui.

Daniela Lopes: Oi, gente. Então vou complementar essa que ele falou no meu bebê, eu vou complementar, vou apresentar o bebê, vou começar pelo fim. Vou começar pelo fim. Isso me dá aqui. Vou começar pelo fim que o fim é o início, na verdade, que é a apresentação do bebê,

que é a materialização do nosso trabalho, do aprofundamento e do amadurecimento do nosso trabalho durante a pandemia que é a Agenda Caxias 2030 que é a produção de memória que a gente resolveu, com a ajuda da Casa Fluminense, parceria com a Casa Fluminense, a gente resolveu produzir um documento de memória, de conjuntura de Duque de Caxias que pudesse apresentar para qualquer pessoa que nunca tenha pisado lá, em qualquer lugar do Brasil, do mundo, o como está Duque de Caxias hoje no que tange 4 eixos, que são educação e cultura, direitos humanos e segurança pública, enfrentamento à fome, a pobreza e saneamento, e desenvolvimento urbano e meio ambiente. Então a gente dividiu em 4 eixos a nossa conjuntura, tentamos contextualizar, documentar mesmo e junto com a população, a gente foi escrevendo, construindo um processo dinâmico mesmo durante a pandemia, respeitando. Pós 2020, nada aconteceu durante 2020, foi mais entre 2022 e nós estamos amadurecendo momentos de construção de participação política, onde a gente destacava o protagonismo popular. A gente diz que é uma agenda construída por umas 1000 pessoas, mais ou menos. Foi o que a gente conseguiu juntar dos nossos eventos para discutir os eixos e para levantar propostas também com consultorias e parcerias com especialistas nos temas, mas que estão debatendo os temas lá na região da Baixada Fluminense. Mas para chegar no bebê eu vou contextualizá-lo. Vou tentar não demorar muito e não ser repetitiva, porque a história da Buba, a história da Gi, a história da Thamires, enfim, são histórias muito semelhantes com as nossas, né? Eu sou moradora de favela, né? Eu sou cria do complexo da Mangueirinha, um complexo de favela em Duque de Caxias, no primeiro distrito, que é uma favela como qualquer outra favela da capital, mas ela tem aquele risco por cima de sabe? Uma névoazinha da invisibilidade que está lá na Baixada Fluminense. E a gente não pode deixar de falar em qualquer contexto de luta política na Baixada Fluminense sem levantar a história da Baixada Fluminense de violência política, de cabresto que a gente constrói dentro daquele território, com o desaparecimentos forçados, com a maior chacina que é não cometida oficialmente pelo estado, mas por agentes do estado sim, que é a chacina de Nova Iguaçu, com as mães da Baixada, que resultam no Mães da Baixada. E a gente tem esse histórico de uma invisibilidade de um silenciamento proposto pelo poder público da Baixada e pela história das milícias que se inicia muito pelo Esquadrão da Morte na Baixada. Então a gente tá lutando politicamente. A gente está tentando construir memória. A gente está tentando discutir política pública num ambiente onde se falar em política partidária ou pública é risco de vida. Ainda. A política de Caxias mata. Ainda mata. A política da Baixada Fluminense mata. A gente não tem um mês atrás a gente em Queimados teve dois assassinatos de pré candidatos que ainda nem são pré candidatos. Mal anuncia-se e já estão morrendo. Então é nesse contexto que a gente constrói luta e ativismo na

Baixada Fluminense. Sob uma névoa de invisibilidade, sob um risco muito superlativo em cima da gente. A gente é alvo constante e a gente se depara materialmente com isso durante a nossa luta na pandemia. A gente, então, vou contextualizar, eu moro lá e no complexo da Mangueirinha, onde eu faço, sou liderança comunitária, mais ou menos desde 2013, quando a minha comunidade é ocupada, é a única comunidade ocupada pela UPP pelo projeto de Unidade de Polícia Pacificadora fora da capital. E aí chega num território, a gente tem que reagir. Eu falo que tudo isso aqui é reação. A gente não queria estar fazendo nada disso, a gente só queria estar vivendo nossa vida tranquilamente, mas a gente precisa reagir. A gente nem tem escolha, né? E a gente vai reagindo aos processos. E aí chega a ocupação na minha comunidade e a gente começa a precisar dialogar com o estado armado, que é sempre esse estado que tem uma relação mais consistente, duradoura e profunda com a comunidade, com as favelas. É o braço armado do estado e a gente precisa dialogar de alguma forma e compreender como é que a gente vai lidar com aquela ocupação. E aí começa a minha liderança e logo depois, em 2016, a gente se encontra para pensar que Caxias é muito grande, muito invisível, muito silenciada, mas que tem muita gente fazendo, resistindo nos quatro distritos. A gente é dividido por distrito. O último distrito é Xerém que é onde tem o assentamento Terra Prometida que plantou o feijão da história que o Vitor contou. Então, como é que a gente faz para a gente fortalecer? Porque muitas lutas se cruzavam e a gente muito isolado e muito fraco, muito frágil e a gente forma o Movimenta Caxias, com liderança dos 4 distritos de Caxias para que juntas nos fortalecêssemos, tivessem menos risco, pensássemos juntos agendas em comum para avançar dentro do município de alguma forma. Uma resistência popular. E aí chega a pandemia. A gente aí, inicialmente, não éramos um Coletivo de comunicação, só comunicava nossas ações. O que que a gente estava fazendo ali enquanto grupo. E era um coletivo que pensava em política pública. A gente ia lutar por política pública, mas aí chega a pandemia e a gente, por exemplo, eu estava dentro de um contexto de um território que não é todo atendido pela companhia de água, por exemplo. Não é que falta água, não, não falta, não, nunca teve, né? A gente está falando desse tipo de relação com o estado. Localidades dentro de um complexo de comunidades que nunca teve acesso à companhia de água. Então como é que a gente vai discutir higienização numa pandemia com quem nunca teve água, mora no alto de uma comunidade, não pode furar poço, né? Ela não tem água, ela vai ter que... como é que a gente vai fazer? Como é que a gente vai discutir certos assuntos dentro de uma cidade que desde que existe o ranking do Trata Brasil com os vinte melhores e piores municípios em saneamento básico, essa cidade figura os vinte piores municípios em saneamento básico do Brasil. Não estou falando do estado do Rio. Duque de Caxias há 10

anos, enfim, eu acho que são 9 anos que Trata faz o ranking dos melhores e piores municípios em saneamento do Brasil está entre os vinte piores. Então, saneamento é uma agenda em comum para todo o município. A gente não tem água encanada para todo mundo. A gente não tem tratamento de esgoto para todo o mundo e a gente está ali banhado pela baía de Guanabara. Então, assim, a gente também não tem relação com o meio ambiente. A gente não tem relação com essa baía de Guanabara, né? A gente tem uma comunidade de pescadores totalmente fragilizada. A gente tem uma comunidade que vive do mangue totalmente fragilizada, a gente tem Jardim Gramacho que teve a saída do lixão de Gramacho e que há um aprofundamento da pobreza considerável pós saída do lixão. E eu não estou dizendo que o lixão deveria continuar naquele lugar, não tinha condições para continuar naquele lugar, mas eu estou dizendo que não houve suporte àquela comunidade pós saída desse lixão. E a gente estava tendo que lidar com tudo isso. Não era só o complexo da Mangueirinha que a gente tinha que pensar, né? As demandas chegavam de todo o município de outros municípios da Baixada e a gente tinha que pensar juntos e articular com lideranças de outros municípios a reação que a gente ia ter na pandemia e a reação passava pela luta, pela água, passava principalmente pelo enfrentamento à fome, porque a fome na Baixada Fluminense é uma agenda constante e permanente. A gente não pára de lutar e de ter agenda da fome em Caxias, na Baixada. E aí a gente cai de novo nesse recorte que parece que a gente tem um muro dividindo a Baixada do restante da Região Metropolitana, no que tange muito assunto e eu não estou hierarquizando o debate. Eu só estou denunciando a hierarquização do processo. Que é a gente está falando de cozinhas solidárias, né? A gente está envolvido no processo. A gente está pesquisando, incidindo, organizando as cozinhas solidárias da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, não só da de da baixada. E aí a gente ajuda todo mundo a se inscrever para tentar receber o PAA [Programa de Aquisição de Alimentos], os recursos e subsídios que vão que estão vindo do governo federal. E aí a gente se depara com uma listagem de contemplados, onde a gente tem 44/45 cozinhas da capital do Rio contempladas e nenhuma de Belford Roxo, por exemplo. E se o recorte de perfil era ser legalizado, a gente tinha cozinhas em Belford Roxo, com CNPJ inscritas e que não foram contempladas. Então a gente está falando de um território muito invisível no que tanto a capital político, política pública, recursos e visibilidade tanto de mídia hegemônica, quanto de visibilidade dentro da luta mesmo para gente poder ter um olhar, talvez até do terceiro setor pra gente captar recursos. A gente não tem, a gente fica o tempo inteiro sem avançar nas agendas. A gente avança um pouquinho, retroage um pouquinho, porque a falta de recursos é uma constante, então a gente pensou que contextualizando Caxias, que é o nosso município e é onde começa toda essa nossa

mobilização a gente estaria produzindo documentos de memória que também se relacionam com toda a Baixada. A gente vem falando da história da baixada, de como surge a Baixada, que a Baixada, vem do Quilombo, do grande Quilombo Hidra De Iguassú, era aquele Quilombo que tinha esse nome em alusão à Hidra da mitologia grega, que é aquele ser que você corta a cabeça e nasce mais uma e corta a cabeça e nasce mais outra, e duas e três porque era um Quilombo que resistiu e resiste. Somos nós filhos deste Quilombo hoje resistindo ainda. Resistindo, sendo caçados no nosso território pela aquela mesma guarda real que caçavam os negros do Iguacu, do Hidra. Então a gente tinha que lidar com tudo isso e tinha que lidar com o 15º batalhão, e aí assim a gente tem que dar nome aos bois e estou entre amigos e posso falar, não vou sair daqui com mais um alvo na testa, além dos todos que eu já carrego, a gente tem um dos batalhões mais letais do estado do Rio de Janeiro, que não para de fazer operação nem com ADPF nem sem ADPF, nem com PCF nem STF, nem com nada. Não para gente, não para, sabe? É letal, é cruel e que fala pra gente “Você não está no Complexo do Alemão, não viu? Aqui não chega a mídia para te filmar, não”. E que fala isso porque já sabe que tem território visibilizado e que tem território que não está e ainda divide a gente, né? Divide a luta. A gente tem essa agenda, a gente faz com uma proposta muito de romper silenciamento e invisibilidade e de protagonismo popular então ela tem uma galeria de fotos que vocês vão ver muito bonita, inclusive da Bia Domingos, nossa querida parceira. Não tem uma foto que eu gostaria muito que tivesse, mas ela não foi feita nesse contexto de pandemia, a gente acabou deixando que é uma foto que a gente fala quando a gente leva, que a gente mostrou e que a Defensoria Pública do Rio fez uma visita por causa da ocupação que tinha na época, que é uma porta no complexo da Mangueirinha de uma avenida de casas que tem um cartaz que para avisar a polícia aonde fica a chave. “Senhor policial, a chave está no buraco terceiro do tijolo ou quarta ali”. Porque o cara não aguenta mais é fazer porta e fazer porta e fazer porta. Então é esse tipo de relação que a gente tem com uma polícia que diz eu vou entrar e que se você fala “você tem mandato para entrar?”, “você está está está no Leblon? Você está no Leblon?”, é mais ou menos esse diálogo. Se são, gente, isso é falado mesmo, sabe? Então, é uma relação que se sabe, é uma relação truculenta que o estado tem com qualquer território de favela, mas que sabe que ali tem ainda um agravante de uma invisibilidade muito profunda que faz com que todo o processo de luta seja muito fragilizado e que faz com que todo o processo de construção seja muito afetado. E aí, para terminar, a gente, eu estava falando e aí vem me vem milhões de coisas na minha cabeça, eu vou falando, vou falando e me perco. E eu estava falando que a gente teve um encontro material com todo esse risco que a gente, né, que a gente tem, né? A gente tinha que lidar com a fome, com o vírus e a galera, a gente conseguiu,

enfim, patrocínio e a gente tinha EPI e todo mundo saía, mas a gente não teve pandemia, né? Quem podia trabalhava de casa, mas estava todo mundo envolvido, trabalhando e uma galera o tempo inteiro na rua. E a gente tinha que lidar com o estado armado e a gente tinha que lidar com o governo de Duque de Caxias, que era quase uma ponte aérea Brasília. A gente tinha que lidar com o prefeito Washington Reis, que hoje é o Secretário de Transportes do estado, que é uma criatura que eu não sei nem denominar. É uma criatura, é uma criatura perigosíssima, e é uma criatura envolvida, seus envolvimento políticos são riscos de vida para a gente. E um belo dia estávamos todos na rua, graças a Deus que a gente confia na espiritualidade, em Deus, nos ancestrais, nos orixás, em todo o mundo que nos protege, não tinha ninguém no galpão, a gente tem um galpão compartilhado com outros movimentos, que é o Galpão Golmeia Criativo, bem no centro de Caxias, onde a gente usava para receber todos os insumos, enfim, para separar trabalho e era muito trabalho. A gente distribuiu mais de 80.000 cestas básicas, em 2020, 2021. E um belo dia estávamos todos na rua graças a Deus já fazendo as entregas, porque a nossa logística foi fazer as entregas e não aglomerar pessoas, enfim, e dois homens armados só estava a mãe do Vitor e dois homens armados batem na porta um com uma, com uma pistola, outro com uma submetralhadora nos procurando porque estávamos também denunciando o município que não estava pagando a merenda e começa em 2020, em dezembro, mas tem amadurecido agora e a gente já tem 400 famílias afetadas, em justificativa de uma melhoria na infraestrutura da favela. Mais de 400 pessoas têm diversos direitos violados atualmente. E aí a gente está reagindo. Desde então, a gente, obviamente esse processo profundo e cansativo, exaustivo, fez com que a gente também amadurecesse muito no que tange à luta no que tange à organização, mobilização, construção de narrativa, produção de memória, enfim, mas a gente, talvez, a gente preferia amadurecer num longo prazo e não ter enfrentado tudo isso. Mas são processos que a gente continua enfrentando e que a gente acha que estamos no momento de amadurecer e esse projeto com as cozinhas solidárias já é um amadurecimento. A gente não pode parar nada disso. Tudo isso tem que continuar da forma que dá para continuar. Não é recebendo milhões de cestas. Agora é trabalhando a auto sustentabilidade dessas cozinhas, as cozinhas, o fortalecimento político, as políticas públicas e a gente continua com os territórios num crescente de fome muito grande. A gente continua com muitas localidades sem acesso à companhia de água e continuamos aqui resistindo. E aí eu, né, que vocês leiam, se apropriem também desse documento. Coloquem lá nas redes para visibilizar, né? O nosso trabalho visibilizar Caxias, é esse é o nosso pedido. É, olhem para a gente, olhem para Baixada, convidem a gente para os espaços, convidem a gente para construir, porque a gente é muito frágil, muito invisível, muito silenciado e isso só

nos fragiliza, não é? Então é muito bom estar aqui falando e reiterando esse processo de construção política que a gente teve.

Itamar Silva: Onde é que eu aperto? Aqui, já está. Bom, primeiro agradecer também o convite, mas eu não sei o que falar depois dessa mesa de todas as experiências, realmente, não, verdadeiramente não tem muito que acrescentar, mas eu venho aprendendo uma coisa que volta e meia me chamam de relíquia, né? Um pouco acabou nessa mesa e eu, no início eu ficava meio constrangido, sem saber como lidar com isso. E, mas eu estou cada vez mais convencido de que é importante esse reconhecimento da tua trajetória, porque a gente eu acho que isso tem a ver com a pandemia do que eu vou falar. Reconhecimento da nossa trajetória e o reconhecimento de que a luta vem de muito longe e vem de muito tempo. Eu fico, quando começou a pandemia eu sofri os efeitos da pandemia antes dela chegar no Brasil. Eu tenho amigo, irmã que está na Itália e a gente começou a acompanhar aquelas imagens de caixões nas igrejas fechadas. A gente chorava dentro de casa, falava com ela, entendeu aquela coisa toda, mas a gente não tinha dimensão da realidade, quando aquilo ainda não tinha chegado aqui no Brasil. Então, a partir da primeira morte da empregada doméstica e tudo mais que a gente começa a vivenciar isso, a gente foi-se um pouco, veio tomando conta das nossas vidas todas a dimensão da pandemia. Mas é importante a gente, no meu caso, particularmente, pensar de que, eu venho refletindo sobre isso, tudo que aconteceu no Rio, vou falar do Rio de Janeiro, mas eu acho que isso pode se estender para outros lugares do Brasil também, essa explosão de iniciativas, essa rapidez com que os lugares, os territórios, as pessoas se juntaram para cuidar uns dos outros tinham terreno adubado, né? Tinha um terreno adubado e tinha um terreno sufocado. Vamos pensar, eu não vou, não era ditadura, mas era um governo negacionista a nível federal. Era um governo municipal a menos aqui da capital da mesma linha, onde há muito a gente estava já sofrendo com as faltas de alternativa e de diálogo com os poderes públicos. Então, é quase que foi uma, também uma oportunidade da gente romper, um pouco, partir para dentro da questão dos desafios que estavam sendo apresentados e começar a mostrar a força que estavam, que acontecia nesses territórios. E aí eu destaco sempre, eu anotei coisa, mas eu não consigo nem ler mais, entendeu? Eu vou esquecer disso aqui. Então eu acho que isso é muito importante, porque as favelas, a gente tá falando aqui de favela, mas também de periferias, a gente tem uma luta que é muito, muito antiga, muito antiga, e a gente tem uma relação, do poder público com esses lugares, com esse território que também se repete, ela se reifica, que é sempre um olhar meio enviesado e é um olhar um

pouco, eu costumo usar a palavra incompletude. Mesmo onde tem uma ação do poder público, ela é uma ação incompleta. Ela é uma ação que não transforma. São ações que vão criando paliativos e isso tanto em Caxias, Baixada Fluminense ou aqui no Santa Marta ou mesmo na Maré. Eu vou usar um exemplo da Maré e vou citar Alemão e Manguinhos porque são territórios que ganharam uma visibilidade enorme, mas porque já tinha um trabalho enorme, né? Na verdade, se você olhar para a relação da Fiocruz com Maré, a relação da Fiocruz com Manguinhos, da UFRJ com esses territórios já estava sendo construído ali alguns elementos que permitiram, neste momento, você dar um salto e assumir uma visibilidade e um protagonismo que foi muito importante para toda a nossa dinâmica. Então isso é legal a gente falar sobre isso também porque quando você trata da invisibilidade, neste momento, não foi só nesses Complexos, grandes Complexos. Alemão, Manguinhos, aconteceu em muitas favelas, mas que não tiveram a mesma visibilidade, mas no entanto, tem muita inovação, tem muita ação particulares que precisam ser trazidas à luz para que a gente possa trabalhar também e pensar sobre qual é o legado desse processo, dessa dinâmica que de repente a imprensa acordou um dia e disse “ih, a favela não tem como fazer lockdown”, “ih, eles não têm álcool em gel”. É esse espanto que é muito interessante a gente pensar que é uma sociedade, eu digo hipócrita, é hipócrita porque ela não reconhece quem está do lado. Essas dinâmicas da periferia, a construção de favela, ela existe há muito tempo e existe com fragilidades e com potenciais também. Então, nesse momento, foi muito importante, eu acho que as ações que aconteceram. Mas eu, foi citado aqui no início um pouco da minha conversa lá com a Sônia Fleury, com a Sônia, né? A gente discutindo qual é o lugar da favela nessa sociedade e eu acho que eu continuo com a mesma pergunta, eu continuo com a mesma questão, porque qual é o legado que este processo da pandemia deixou para gente? A gente se vangloria das ações que a gente fez, de tudo que aconteceu, mas o que mudou de fato? Vou pegar seu exemplo da violência. Houve pandemia, houve violência, ação policial e mortes em favela durante a pandemia e depois da pandemia também. Mesmo regiões como uma Maré, como Alemão, como Manguinhos, a atuação da polícia seguiu a mesma toada, a mesma toada, a gente tem a mesma lógica de atuação, a mesma forma de olhar para esse território. Então, qual é a nossa capacidade de se apropriar da dinâmica, do que aconteceu neste período de pandemia para poder enfrentar questões mais profundas, por exemplo. Como é a relação do estado com esse território, do ponto de vista da segurança pública. Depois, um outro elemento para mim, que fica também para a gente pensar em termos de legado, é a questão da educação. Tem um buraco que não, não, não, não vai ser sanado nem daqui a dez anos. O que aconteceu com a educação, com o ensino público, com as aulas virtuais que não aconteciam ou que aconteciam

pela metade, eu acho que a gente ainda não conseguiu dimensionar. Não tem pesquisa que consegue ainda dizer qual a negatividade, qual o impacto negativo sobre a vida desse segmento ao longo dos anos. No retorno, aí eu vou falar de algumas escolas, você vai ver a quantidade de professores que faltam, falta, fulano, beltrano. A quantidade de aula que ele está tendo e, no entanto, isso está sendo empurrado pela barriga. Ele está sendo um pouco jogado para a frente e isso tem a ver também com esse processo da pandemia. A gente não conseguiu também e não, eu estou pensando nas tintas, mas a gente não conseguiu, não está conseguindo se organizar em rede ou aproveitar essa força que nós demonstramos, experimentamos na pandemia para poder enfrentar outros temas e um tema da educação e o tema da atuação da violência. A gente continua sob ainda uma égide de um governo que tem a mesma toada, a mesma toada. Então, o que é que a gente faz com isso? O que é que a gente faz com isso, né? É super bacana, não é um pouco, e aí eu acho que Gizele e Buba saíram, mas o tema da comunicação é um tema, para mim, fundamental. Eu acho que a questão aí da comunicação a partir desse lugar da comunicação comunitária, da comunicação comprometida como é que a gente amplia e a gente não larga essa experiência vivida um pouco pela Frente Maré, mas vivida também em outros lugares, que fez uma tradução. Mais que isso, ela deu visibilidade para o que estava acontecendo em cada território desse, enfrentando um pouco o debate e pautando a mídia hegemônica. Então esse é um desafio que nós temos. Então, o Radar cumpriu um papel super bacana. Eu acho que a Gizele tem razão porque é escrever com. Eu acompanhei muito da produção do Radar e eu digo assim que a gente tem um elemento também que é importante destacar que é o papel da Fiocruz, não é uma questão de endeusar a Fiocruz, mas foi fundamental a existência da Fiocruz na composição que ela tem. Eu já tinha ficado impressionado aqui no Rio, mas eu vi as coisas pelo Brasil, em outras partes do Brasil. É impressionante como é que o debate, os vários podcasts que eu participei também e que aconteceram, mas foram criando uma dinâmica e uma aproximação, e foi também estruturando e possibilitando a essa instituição, mesmo internamente, de fazer algumas discussões que a Fiocruz é um, é um gigante. Mas eu acho que esse processo para Fiocruz também foi muito importante. E aí eu digo, eu acompanhei toda a discussão de uma articulação institucional de movimentos sociais e universidades para poder incidir para criar o plano de enfrentamento à COVID em favelas. Acho que foi um momento também bastante interessante. Eu falo para a gente também, o que é que a gente faz com esse legado, com essa experiência, entendeu? Que foi tão bacana e teve uma incidência objetiva sobre a Alerj, por exemplo. Eu acho que a gente não pode largar isso. A gente descobriu que tem um fundo na Alerj e que, de repente, 20.000.000 por conta. Aí a gente tem que reconhecer a iniciativa,

tanto de Renata, um pouco, que foi super parceira, mas também do próprio presidente do Ceciliano, que pegou 20.000.000 e disse “isso aqui é para favela, é para a atuação em favela”. E a gente teve, a gente construiu uma concepção para que esse dinheiro fosse utilizado, mas que ele tinha que chegar na ponta. Ele tinha que ser espalhado para muito mais lugares, alcançar muito mais territórios. Isso foi muito importante, muito importante. A gente tem 25.000.000 hoje na Secretaria Estadual de Saúde, que é um repasse também da Alerj para atuação neste mesmo projeto, mas que a gente agora está nesse momento tentando reverter este processo para que esse dinheiro entre para Fiocruz também e que possa ser ampliado, porque a chamada e aí teve bastante sensibilidade para ouvir os movimentos sociais e as pessoas envolvidas, ele foi para além dos mesmos lugares. Ele permitiu um pouco chegar a Baixada, chegar a São Gonçalo, entendeu? Chegar a Campos. Porque a gente, quando eu, quando penso em favela, só pensava só no Santa Marta, só morro, né? Aí eu olhava, não tinha Maré também. Ih, tem o Alemão também, via outras favelas, tinha Cidade de Deus. A gente tem isso, né, um pouco do umbigo foi onde eu nasci, eu me criei vivo até hoje, mas enfim, mas você vê que tem outros, né? Tem outras possibilidades, de outros formatos de favela também. E esse edital, ele deu conta disso. Hoje a gente, eu tive agora no encontro “90x Favela” são noventa projetos aqui, e o tema da fome apareceu de uma forma tão forte, forte e presente nas apresentações e mais que isso, 62% dos projetos está falando de agroecologia ou diretamente ou indiretamente. Falar, caramba mesmo quem está na área urbana, longe de área de plantio, mas a lógica e é importante essa questão da lógica. Esse é o grande desafio que a gente tem para pensar essa coisa da produção e com quem entra lá no mercado, alimento de qualidade, como é que você pensa sobre isso. E esses projetos, eu acho que eles vêm pautando e as cozinhas comunitárias estão dentro desse mesmo processo. Então tem uma proposta aí de alargamento dessa rede a partir dessa temática da agroecologia, mas também um pouco focado na questão do alimento de qualidade, que eu acho que vale a pena a gente um pouco se dar conta de que isso é importante e é uma forma de tornar concreto essa discussão para esses territórios de favela e periferia. É, então, dizer para isso que eu tenho muitas, muitas questões em relação a isso, um pouco. Eu fico provocando. Eu falo, gente, o que mudou realmente em relação ao lugar da favela, o lugar da periferia nesta sociedade que a gente vive? Porque ao mesmo tempo que a gente conseguiu e a gente aí, porque eu também tive uma ação nessa linha, consegui apoio, cesta básica, dinheiro e tal, tal tal para manutenção e entrega de cestas básicas, a gente vai perdendo, isso vai desaparecendo. Esse apoio, essa capacidade, na medida em que as coisas vão, vão melhorando, né? Ah, tem, não tem gente morrendo, não tem gente blá, blá blá, então isso você, essa solidariedade quase que ela vai se

desfazendo. Então que é uma solidariedade mesmo? Quer dizer, qual era o nível dessa solidariedade, qual é o comprometimento dessas pessoas com a dinâmica que a gente vive no Rio de Janeiro? É, então só para dizer, no Santa Marta, aqui é uma favela média para pequena, somos quase 7.000 moradores e quando começou a pandemia aqui é muito fácil. A zona sul e isso é verdade, as coisas chegam, né? De repente, a quadra da escola de samba estava cheia de alimento, a associação de moradores estava recebendo demandas e mais demandas e outras entidades, tinham uma quatro entidades do Santa Marta, tratando a questão da da cesta básica. Eu particularmente tenho uma implicância com cesta básica, entendeu? Eu, historicamente, eu tenho uma implicância porque a gente tem uma tradição cristã, né? Com a questão do alimento, os vicentinos cumpriram um papel enorme nos anos 60 de entregar comida para os pobres, entendeu? A partir de uma série de iniciativas, mas, enfim, é o momento que estava se sabia que tinha gente precisando. Eu sou o grupo ECO, eu coordeno o grupo ECO aqui do Santa Marta, nós dissemos, está bom, a gente ficou olhando isso. A gente estava com outras preocupações, como é que se discute a questão do lockdown? Como é que você faz o isolamento? Nenhuma biosca fechou no Santa Marta, nenhuma biosca fechou. Como é que você faz? Santa Marta é uma favela estreita, os caminhos são estreitíssimos. Você anda e esbarra no outro, não tem nem para andar. Então a gente começou a pensar isso, como é que a gente problematiza isso? Não vamos entrar nesse campo da entrega de cesta básica, mas depois a gente começou a ver umas cestas básicas, gente quase que dava para o meu almoço. O cara subindo com uma cesta, falei bom, isso aqui eu como no almoço e sobra alguma coisa pro jantar, porque é tão ridículo a quantidade, mas as pessoas disputavam aquilo de uma forma como se fosse o último biscoito do pacote. Então a gente começou também a pensar e refletir sobre isso, e a gente decidiu. Então a gente escolheu 60 famílias, entre, a gente avaliou que eram as mais necessitadas a partir de conhecimentos direto nosso. E a gente fez uma campanha entre amigos que permitiu a gente, durante 9 meses, entregar uma cesta de qualidade. Mas ah, não podia. A gente não queria repetir o que a gente via uma fila enorme de pessoas na porta da escola de samba para pegar a cesta básica pensar, mas não pode, não tem que evitar aglomeração. Então a gente tomou uma atitude de convocar os carregadores, que tem muitos carregadores no Santa Marta, a gente pagava os carregadores. A gente pagava os carregadores para entregar a domicilio as cestas. Isso foi uma forma que a gente também teve de cuidar dos carregadores na medida que, com a pandemia, menos gente descia para poder fazer compra, eles não tinham o que carregar, então foi uma forma que a gente tentou resolver dessa forma. Então isso foi bacana. Depois teve uma questão que era “e o gás?”. Vocês sabem que na favela a gente paga mais caro o gás do que

na rua, né? Seja Santa Marta, seja na Baixada. A questão do gás está completamente clandestinizado para dizer uma palavra bacaninha, entendeu? E então você tinha comida, mas muita gente não tinha gás. Então, a gente decidiu dar R\$100,00 para cada uma dessas 60 famílias para comprar o gás. Então ele recebia a bolsa e recebia R\$100,00 para comprar o gás. Então isso foi uma diferença. Isso criava uma ciúmeira com os outros que não estavam no projeto. Falou “não, tá bom, mas o nosso limite é esse, nosso compromisso é esse”. E eles estavam avisados. A gente tinha dinheiro para 3 meses, depois dinheiro para mais 3 meses, então eles, ele sabia que nos próximos 2 meses aquela bolsa estava garantida. Então a gente cumpriu isso durante 9 meses, então a gente aproveitou isso para poder também exercitar um olhar mais crítico para a própria localidade. Tinha a discussão das mortes, né? A gente fez uma pesquisa de, eu acho que entre maio a agosto, para ver quem morreu no Santa Marta. Então a gente foi atrás dessas pessoas para ver o atestado de óbito e a maioria não tinha morrido de COVID. Tinha morrido, sei lá, de doenças que já estavam presentes ali, hipertensão, blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá blá. E depois a gente descobriu também nesse processo a questão de pessoas com problemas psíquicos que não estavam no nosso radar, mas a gente viu que isso era uma questão. O que a gente fez foi apresentar isso para a Clínica da Família e dizer “olha, vocês tem que cuidar. Isso aqui tem uma dinâmica aqui que vocês precisam chamar, ter, dar atenção a isso”. E a gente também fez teleatendimento, mas o teleatendimento foi possível porque o médico que cumpriu esse papel, ele morou no Santa Marta, na formação dele há muitos anos atrás, no rei de leão. Ele morou no Santa Marta durante 4 anos, então depois foi para a vida de médico e ele se dispôs a fazer então. E as pessoas sabiam dele, conheciam, então tinha uma relação também de amizade, de conhecimento que foi interessante. Porque também a gente estava discutindo, estava naquele momento discutindo como é que é a questão mercadológica do teleatendimento, que foi um momento que se ampliou muito também os planos de saúde começaram a oferecer esse tipo de serviço, mas a gente teve isso. Mas sempre com um foco mais reflexivo. No nosso caso, a gente estava o tempo todo tentando pensar a partir das experiências que a gente está vendo também em outros lugares que já tinham ocupado um debate público mais interessante como a questão do do Painel COVID na região. Então tinha muitas experiências interessantes acontecendo, mesmo a questão da comunicação comunitária. Cidade de Deus também estava com uma experiência bacana de comunicação comunitária e tinha outros tantos lugares. Então a gente foi só reforçando isso e tentando discutir uma questão mais de incidência sobre, no caso da Alerj, que resultou nesse recurso para chamada do edital da Fiocruz. E agora estou acompanhando um pouco essa discussão dos 25.000. Mas enfim, mas eu acho que a gente, só

pra fechar, eu acho essa experiência da incidência sobre Alerj a gente precisava não perder isso, porque é impressionante como é que a gente deixa passar essas coisas, entendeu? Oferece um monte de dinheiro que a economia que se é feita durante o ano e que é uma decisão interna deles para onde é que vai. Então, na medida que o movimento social se articula com a universidade, com algumas instituições, a gente é capaz de correr atrás desse recurso. E não é favor, é recurso público. O recurso que precisa ter destino público também. Então, essa experiência, claro que depende de uma articulação com um grupo de parlamentares progressistas comprometidos com isso, mas isso é possível. Mesmo sendo um pouquinho, essa Assembleia, que é uma porcaria, uma escrotidão, vou dizer assim, mas tem gente comprometida, tem possibilidade de fazer a luta também nessa dimensão. A gente não conseguiu fazer na Câmara, na Câmara a gente pautou também isso aí ficou lá um misancene de tentar organizar pessoas, mas não avançou. Mas de qualquer forma, eu acho que para pensar para frente, a gente precisa pegar também esses pontos, porque o resto a gente já sabe esse caminho da articulação, esse caminho das instituições, né, que tem as suas redes e tudo mais. Esse caminho é nosso. A gente já experimentou, a gente pode ampliar, a gente pode reforçar, mas assim esse caminho de incidir sobre a política, o parlamento, isso é muito importante e também nessa proposta mesmo de, eu vou voltar a repetir essa coisa da Fiocruz, eu acho que é uma instituição que ela tem que ser abraçada por todos nós. Porque eu tenho alguma preocupação para o futuro. A gente não sabe que vem no futuro. A gente vive um momento muito delicado no Brasil. Eu acho que a gente conseguiu colocar uma cunha nessa avalanche infernal que a gente viveu, mas isso não está resolvido. Quer dizer, na verdade, o futuro vai depender muito, muito do que a gente consegue construir e tentar consolidar nesse processo. Então, nesse sentido, eu acho que a gente tem que abrir um pouco a nossa reflexão, nossa ação um pouco nessa direção, um pouco pensar incidir mais fortemente nisso. Desculpa, mas tudo que eu ouvi, eu não podia ficar repetindo outras coisas aqui. Eu fui para o outro caminho, eu falei, vou tentar, está bom, obrigado.

Fábio Araújo: Gente, queria agradecer as falas, ótimas, eu acho que são, foram várias contribuições. Eu queria fazer só uns comentários bem rápidos e se der tempo ainda a gente abrir aqui, né? Aproveitar um pouco, sei lá, alguma ressonância em relação ao que vocês falaram do ponto de vista até da Fiocruz e do trabalho que eu participei. Em relação ao que o Itamar falou, que a Gizele falou, eu acho que tem um, foi um momento muito duro de fazer, inclusive internamente, falar do ponto de vista da Fiocruz, lembrando que no momento da eleição, inclusive interna da Fiocruz, houve uma ameaça de que a vencedora não fosse

nomeada. Então, criou-se um pânico, inclusive muito grande em relação a como trabalhar naquele momento, que, além de uma crise sanitária, havia uma crise política fortíssima. E eu acho que aí, em relação às falas que apareceram aqui, tem uma centralidade da comunicação e do ponto de vista deste trabalho de comunicação internamente eu acho que tiveram várias iniciativas interessantes do ponto de vista de disputa do que que é essa instituição, por exemplo. De disputa, inclusive em termos de se apropriar da ciência que é produzida, dos especialistas que trabalham na Fiocruz. Por exemplo, teve uma outra experiência muito interessante que foi o que é uma experiência de discursos, de convidar os especialistas, articular um grupo de comunicadores de favela exatamente para discutir a tradução da linguagem biomédica com as favelas, né? Construir esse exercício de linguagem e do ponto de vista, por exemplo, do Radar que foi essa experiência que a gente conduziu, tinha uma tensão que é uma tensão entre como que uma instituição que se propõe a trabalhar *com* ao mesmo tempo esse trabalho *com* implica intenções em relação à sua linguagem institucional. Porque, por exemplo, a gente fazia certas conversas e como é que a gente ia repercutir as conversas. Isso nesse momento de conjuntura marcada por um bolsonarismo onde a Fiocruz era uma instituição que estava sendo caçada naquele momento. E aí eu acho que uma outra coisa que eu lembro também de uma das nossas conversas com o Itamar e que ressoava muito para dentro assim era de quais são as linguagens das favelas, dos moradores, né? Porque por mais que às vezes, por mais que as pessoas às vezes trabalhem com as favelas, às vezes, ainda há uma espécie de uma construção de um tipo ideal do que é que é a média, assim, do favelado e isso criava tensões, por exemplo, porque quando vinha às vezes vinha um textos mais acadêmicos e aí, internamente, buscava-se o favelado que não sabe escrever, inclusive, que não sabe falar, uma marcação muito estereotipada, né? E isso foi tensionando também internamente essa pluralidade dos fazeres, das linguagens. E eu acho que uma outra coisa bacana, do ponto de vista reflexivo de pensar a cidade, é exatamente de considerar a pluralidade e a heterogeneidade na atualização das nossas cartografias políticas da cidade. O que significava exatamente incorporar, por exemplo, a Baixada e a Zona Oeste nesse debate. Porque, inclusive, do ponto de vista da mobilização dos recursos políticos e económicos. A gente sabe que é como o Itamar falou, há favelas que tem um histórico que tem um capital político capaz de disputar recursos muito maior do que outros. E nesse momento a gente viveu inclusive uma certa folclorização de algumas iniciativas e de algumas instituições que acabavam capitalizando de mais e outras de menos. Eu acho que tem uma outra coisa interessante também, que é o tensionamento entre as próprias formas de fazer ciência, porque, por exemplo, os epidemiologistas, eles foram muito convocados, né? Qualquer boletim

epidemiológico naquele momento tinha uma grande repercussão, parecia na Globo o tempo todo na grande imprensa. E aí tem um tensionamento, como outras ciências, e aí inclui-se as ciências sociais, as ciências humanas e outras formas de produção de conhecimento, por exemplo, esses que a gente está discutindo aqui, como eles são incorporados nessa discussão? Por exemplo, do ponto de vista de soltar um boletim epidemiológico e ao mesmo tempo soltar outras formas de análise que não na linguagem dos números, que foi uma outra, um outro ponto que a gente viu também o limite, né? Que era a tentativa de produzir epidemiologicamente dados sobre as favelas. A gente sabe que o problema da quantificação é um problema muito, muito grande, dado a sua própria condição histórica de informalidade, de arranjos administrativos territoriais para pensar as áreas da cidade. Então um pouco só marcar essas questões e abrir aí para comentários, questões, quem quiser fazer alguma intervenção.

Arthur: Pode ser, hã, pode ficar ali, tá? Eu sou Arthur da Wiki Favelas. Faço doutorado na INSPE, lá na Fiocruz e moro em Caxias, moro ali no Centenário. Eu queria, na verdade, fazer uma pergunta sobre o contato com a população. Assim, porque eu moro há 13 anos em Caxias e a pandemia não aconteceu lá por conta do poder público, como a gente falou mais por a população também continuava no calçadão, continuava na feira e qual foi essa relação de vocês com a própria população também de conscientizar que a gente via que a população é a principal vítima do que estava acontecendo e apesar do poder público não apoiar, a gente tinha o papel também muito das igrejas neopentecostais, né? Inclusive Washington Reis foi impulsionado pelas próprias igrejas neopentecostais que o pressionaram a não decretar *lockdown* porque era uma fonte de arrecadação dentro das próprias igrejas. E também, o papel da Fiocruz, eu estou há alguns meses na Fiocruz e a Fiocruz tem uma presença nos campi no Rio de Janeiro. De um lado, Manguinhos, do outro, a Maré. Jacarepaguá também, Manguinhos ali cercado várias favelas e agora, construindo um complexo em Santa Cruz rodeado por várias favelas. E eu acho que é preciso ter essa, a Fiocruz derrubar alguns muros em relação com as favelas. Eu vejo muitos pesquisadores que não têm essa relação, chegam lá, entram de carro, estacionam e vão embora e a única relação com a favela é o medo de ter um tiroteio que vai atrapalhar o seu dia a dia. Então, de que forma que a gente se integra mais, né? Hoje eu estive até numa audiência pública com o Mário Moreira, que ele estava falando sobre isso, né? Inclusive, agora, um campus que vai, um campus não, uma fábrica que vai custar 7 bilhões lá em Santa Cruz e de que forma esse recurso, ele é reaproveitado pela comunidade onde ela está, que não seja uma bolha ali, um extraterrestre que pousou em Santa Cruz e não tem nenhuma relação com a comunidade a não ser de empregabilidade para faxineiro, para

subempregos ali na localidade.

Giselle Florentino: É sempre muito bom ouvir vocês. Assim eu tive vários gatilhos do processo da pandemia que a gente atuou muito, principalmente esse da invasão do espaço que a gente dividia. O medo inclusive que a milícia cobrava a gente de passar cestas e cartões para eles para garantirem a nossa continuidade no território. Mas durante esse processo inteiro, o que mais me marcou, eu estava morando no Jaca na época, eu voltei para a Baixada para fazer, para ficar junto com a minha família. Falei assim “já que eu vou morrer que seja pelo menos no meu território, quero morrer em casa, né?”. E aí eu voltei para ficar com a minha mãe e com o meu pai e eu lembro que o primeiro caso de COVID na rua e a gente ainda não sabia lidar muito bem com aquela doença, foi surpreendente porque a nossa vizinha do lado positivou para COVID de manhã, e aí deu 1 da tarde, todos os vizinhos da rua estava na porta dela para levar remédio, bolo, roupa, perguntar se queria faxinar a casa ou cuidar dos filhos e a gente não estava sabendo lidar com o isolamento social. A gente não tem ideia do que é se isolar, o que a gente é de fato, muito coletivo. E aí minha mãe falou assim “não, 17:00 horas eu vou lá porque não sei o quê”. Eu falei “mãe, você não vai. Não faz sentido você ir porque está com COVID e você vai pegar por conta disso”. Foram muitos desafios nesse processo, mas um que eu fiquei muito frustrada foi já no processo de abertura dos comércios, a tentativa de volta ao trabalho de pessoas que também, inclusive, não pararam de trabalhar. A gente recebia cestas básicas da Coalizão Negra e a gente fez uma conversa, a Iniciativa fez uma conversa com nossos financiadores que a gente colocou todo o orçamento anual para a distribuição de cesta básica, kits de limpeza, porque a gente via que não tinha sentido. Vai mobilizar o que, quem, neste ano para debater a não ser garantir a vida das pessoas? E a gente conseguiu criar todo um cronograma de doações e tudo mais. Só que chegou um momento em que a Coalizão informou a gente que não tinha mais cestas. O nosso dinheiro, Iniciativa, tinha acabado, as pessoas continuavam com fome, continuavam sem empregos. Tinha momentos que os nossos cartões a gente marcava com 50 pessoas e é isso uma vizinha chama a outra. “Ah, eu trouxe minha amiga’. Aí tinha 70 pessoas e você não tinha cartão para dar para tudo, porque um momento a cesta ficou muito pesada, né? Porque pensa na logística de uma cesta básica e aí para a gente na Baixada, tinha um debate de quem produzir a cesta básica era um grupo de milicianos específicos a gente não queria dar dinheiro para a milícia. E aí veio a inovação do cartão. E aí quando chega o cartão também tinha uma curva de aprendizagem daquelas famílias aprenderem a usar o cartão que elas podem não só usar no mercado, elas podem usar na farmácia, né? Às vezes tá faltando fralda, pomada para o filho e aí a gente tinha aquele

processo todo. A Iniciativa teve um recorte muito específico, a gente fez doações para mães e familiares de vítimas da violência do estado, então já era um recorte, não é só território, tinha um debate anterior de violações de estado. E foi chegando o momento que eu recebia muitas mensagens no WhatsApp. Eu não tinha mais cesta para dar. Eu não tinha mais financiamento para recorrer e eu sabia que as pessoas poderiam morrer de fome assim, e isso foi muito dolorido para a gente da Iniciativa. Eu queria saber como é que vocês lidaram nessa transição do acabou o dinheiro, não tem mais cesta e aí, como é que faz?

Palloma: Eu queria começar agradecendo muito pelas falas que eu acho que foram impactantes, mas muito importantes, ainda mais ouvir uma atrás da outra de uma maneira muito complementar. E aí eu queria puxar um pouco, vocês já falaram bastante disso, mas eu queria retomar um pouco o tema do Ciclo, né, que é a produção de conhecimento e memórias em favelas. Porque eu vejo que alguma medida, a produção de conhecimento de dados foi importante na atuação de cada um e de cada uma de diferentes maneiras, né? Eu acho que alguns grupos já tinham experiências prévias de produção de dados sobre o território onde atuavam, mas outros que não tinham, tiveram que improvisar e aprender de alguma forma para poder fazer levantamento de quem precisava de cesta para fazer levantamentos, de quem estava morrendo, para tentar em alguma medida lidar com esses dados e publicizar para denunciar a falta de ação do poder público e isso eu acho que aparece de uma maneira muito interessante na fala de vocês, numa articulação entre movimentos de diferentes favelas, mas também com várias instituições. A Fiocruz apareceu aqui com muita força, mas em cada local também tinha uma relação com os próprios agentes de saúde que estavam atuando no posto de saúde, na Clínica da Família e tinha uma relação ali com a academia, mas também com outros movimentos sociais. Enfim, eu queria um pouco ouvir mais de vocês essa troca nessa grande rede que se formou para a produção de conhecimento e memórias nesses locais, orientar um pouco esse trabalho de incidência no território para garantia da vida nesse momento tão crítico da pandemia e pensando um pouco na provocação do Itamar, do que é que fica dessa organização, quais são os desafios, um pouco agora, de toda essa experiência de produção durante esse período tão longo, como é que se repercute agora? Eu fico pensando, dia desses a Gizele falou um pouco do esgotamento dos movimentos que trabalharam na pandemia, que depois de ter todo aquele intenso de trabalho, agora são demandados por várias instituições, como a Fiocruz, da cidadania para produzir relatórios para poder dar entrevista para poder, e aí se torna numa outra carga posterior de ter que continuar refletindo sobre a experiência e todo mundo já está cansado também de falar, de fazer, mas

pensar um pouco nesse desdobramento do que é preciso fazer ainda agora e como esse trabalho está tendo uma continuidade de diferentes formas. Obrigada, gente.

Daniela Lopes: Eu posso responder que eu tenho, vou responder o Arthur e a Gi e aí deixo alguém responder. Meu vizinho. O Complexo da Mangueirinha que é da onde eu sou é no Centenário, então somos vizinhos aí, olha, nos encontramos aqui. E sim, a gente teve, ele falou, perguntou sobre como que a gente lidou com a com a questão da consciencialização da galera, da população, porque a gente estava como eu falei, num município que era quase uma ponte aérea com Brasília e do negacionismo, da falta de ações preventivas e depois com um processo de vacinação muito tumultuado, desumano mesmo. Então como é que a gente lidava com a galera, com a população no meio disso aí. Pois é, foi onde o Bolsonaro fraudou a vacina, né? Foi lá em Caxias que houve a fraude, dizendo que ele tomou uma vacina que ele não tomou. Enfim, para vocês terem uma noção que era uma ponte aérea mesmo. A gente está falando, claro, imageticamente, mas assim a galera estava se relacionando. Durante a pandemia, duas escolas que eles chamam de Escola da Polícia Militar foram inauguradas em Caxias e nomeadas com o nome do pai e da mãe do Bolsonaro. Então, assim, era uma relação muito intensa com o que tinha de pior de negacionismo, de falta de ação, de prevenção, de combate na época da pandemia, e isso refletia na população, que é uma população assim que se a gente for pensar politicamente, é totalmente influenciada por essa política de cabresto, né? A gente ainda sofre, é muito afetada pela política de cabresto de Caxias e acaba sendo direcionada. Uma grande galera, profissional autônomo, lembro de uma fala assim logo que fechou tudo, a galera muitos trabalham de maneira informal e muitos vêm para o Rio trabalhar de maneira informal. E aí começou, fechou, fechou a linha do trem. O trem para você passar, você tinha que apresentar um comprovante de necessidade de trabalho emergencial e a galera não tinha a mínima noção do que fazer. E assim eu recebia muita mensagem “o que é que eu faço? Eu estou aqui na fila, estão pedindo um papel. Tu tem esse papel aí?”. E nem eu sabia que o papel era esse de início, né? Eu falava que papel, gente? “Não eu tô na fila pra pegar um, estão pedindo um papel, tu tem papel pra me dar?”. E eu falava, senhor, o que eu faço agora? E era um papel que era pra uma cuidadora, era pra uma enfermeira. Galera, não podia sair de Caxias para trabalhar. Dentro da favela, assim como o Itamar falou, a gente não teve fechamento de absolutamente nada, porque a galera tinha que se virar e aí começou a fazer comida para vender, fazer isso para vender e nada fechou. O calçadão que a gente chama, o famoso calçadão de Caxias, que realmente é muito bom para comprar tem uma variedade muito grande, não fechava as lojas. O prefeito dizia para não fechar e nós provocamos a

Defensoria pública para exigir uma atitude porque as pessoas estavam se contaminando ali naquele processo. A Defensoria Pública aciona o MP que multa a prefeitura pedindo para que feche o comércio. Os comerciantes se juntam, fazem uma vaquinha para pagar a multa do prefeito e continuam aberto. E isso ficou sendo feito durante toda a pandemia. Não fechou. A gente não viu nada fechado. Então a gente precisava fazer um trabalho de formiguinha que tinha, sim, a comunicação. Tinha o carro de som, como nas outras favelas também tiveram. Tinha o carro de som, tinha a gente nas ruas entregando as cestas e falando gente, pelo amor de Deus, a máscara. Se não tiver de máscara, não vai, não vou te atender sem. Gente, por favor, vamos evitar isso, vamos. Tentando controlar. Olhe, eu posso dizer que foi um trabalho de formiguinha que não deu tão certo assim, mas que dia de alguma forma, porque as pessoas não ficavam em casa, porque a gente não conseguiu breca o baile. Foi Gi que falou que breca lá o baile. A gente não conseguiu. Os bailes continuaram, a gente não conseguia diálogo com a galera que promovia. A gente não conseguiu algumas ações grandes, mas o trabalho que a gente fazia de consciencialização e, enfim, deu para segurar a maioria vivo, né? Deu para segurar. A gente, por exemplo, na comunidade, a gente não consegue que o SAMU não entre. Um território fechado que para o SAMU entrar, a gente precisa buscar o SAMU fora do território, porque é um território realmente bem complicado de acesso por conta das questões, enfim, que eu não preciso entrar. E a gente tinha que às vezes buscar o SAMU fora para pegar pessoas, pessoas que morriam dentro de casa, eles tinham que buscar o carro que ia retirar o corpo. Então assim, era um processo muito cansativo, mas que a gente tentava dar conta. Não, não sei te dizer se se houve um modelo de atuação nesse sentido, a gente, como eu disse, a gente não era coletivo de comunicação, mas a gente acabou fazendo uma comunicação massiva nessa época, por todos os meios que a gente conseguia. Mas a maior comunicação era o boca a boca, que é o que funciona melhor na favela, que é você conscientizar, dizer para sua vizinha, enfim. E como o Gi falou, sempre, tem uma frase que eu digo assim: ninguém toma uma cerveja sozinho na favela, mas também ninguém chora sozinho na favela. A gente não passa nada sozinho na favela, então a gente se uniu muito nesses processos, inclusive se colocando em risco. Eu perdi uma tia na pandemia e eu lembro que assim a minha mãe viu que a minha tia estava muito grave porque ela foi levar uma sopa para minha tia com COVID, né? Enfim. Então aí que a gente viu que ela estava muito grave, precisava de ser hospitalizada e uma semana depois, ela faleceu. Mas é isso. A gente estava junto, né? A gente estava muito junto. E falando do processo, foi isso estar junto, que a gente tentou conscientizando, era muito boca a boca. Grande imprensa falando, as *fake news* estavam sendo mais absorvidas nos grupos de WhatsApp do que a gente dar ouvido à

imprensa. E falando desse processo, de como foi essa transição, a gente ainda está vivendo ela Gi. Meu telefone, eu já estou aqui com umas 400 mensagens não lidas, que provavelmente umas 200 são pedindo cesta básica e é muito doloroso. É um processo que talvez mais tarde a minha saúde mental vai dar um alô aí, a gente tenta amenizar com a terapia. É um processo cansativo demais. A gente não teve férias ainda, a gente não teve férias ainda de 2020 para cá, a gente não parou de trabalhar nenhum momento. E a gente está ainda vivendo esse processo. E aí daí a gente tira o amadurecimento do que fazer, assim. Foi quando a gente pensou, a gente precisa organizar alguma coisa mais consistente de combate à fome, porque a gente não está dando conta, né? As pessoas ainda estão com fome. Na favela lá, por exemplo, eu tinha uma no mercado que é mais perto da entrada da Mangueirinha, tinha era do outro, naquele mais perto da entrada mesmo, eu não sei Supermarket alguma coisa market lá, a gente tinha uma fila do osso às quintas-feiras e muitas pessoas faziam filas e o mercado doava ossos para que as pessoas pudessem cozinhar o osso para comer. Eu sei que o meu território vive uma realidade de fome, mas eu nunca tinha visto isso. Então, a gente, assim, disso, a gente avançou um pouco, mas a gente ainda não deu conta. Então como é que a gente dá conta? A gente precisa continuar com ações e agora ações que tenham permanência. A gente busca políticas públicas de combate à fome e enquanto elas não chegam a gente consiga fortalecer, consiga recursos para os projetos que já estão atuando no território e quando eu digo território, estou falando de toda ali a Baixada e Região Metropolitana, porque a gente está falando, atuando nesse debate na Região Metropolitana. Então a gente pensou nas cozinhas solidárias porque foi algo que foi muito fortalecido nessa época, né? E a gente começa a pensar e buscar emenda e parceria com a Fiocruz para pensar nisso. Vira o curso de soberania alimentar e agroecologia e tem uma segunda fase, agora, que é de fortalecimento às cozinhas ativas na Baixada. Em matéria de né, da gente pensar como foi esse processo, esse Ciclo de construção de material de memória, material de comunicação. Foi muito isso. Assim, a gente tinha, a gente não era, a galera, por exemplo, Gi, o pessoal já tinha um viés para a comunicação. A gente não tinha. A gente se comunicava o que a gente fazia pontualmente, era uma comunicação informal com as nossas redes. E a gente precisou se debruçar em dados e beber na fonte da Fiocruz e beber a fonte do que tinha, produzir texto, produzir conhecimento mais teórico que a gente tentava publicar, mas também fazer com que a gente tivesse material que acessasse todo o tipo de linguagem, todo o tipo de público que a gente tem nas favelas, né, que não é um único público que absorve de uma única maneira. Então a gente tinha, a gente fazia muito podcast, fazia muito vídeo, a gente ia produzindo comunicação não só escrita, né? Vídeo, a gente tinha acho que quase que diário, então a gente botava as crianças para fazer vídeos de higienização

e de dados e a gente ia furando esses bloqueios. Tentando viralizar no WhatsApp os vídeos que a gente, os vídeos que não eram *fake*, né? Porque a gente tinha muito essa questão das *fake news*. E isso foi amadurecendo também para a gente sistematizar dados. A gente falou, “gente, o que a gente está fazendo é gigante aqui. Então a gente precisa documentar isso, porque ninguém vai contar essa nossa história, não”. Se a gente não pegar a rédea para contar a nossa história, tem gente até que conta, mas conta do jeito dele, né? Então a gente quer contar do nosso, a gente quer dizer, quem botou a mão, como é que botou a mão, como é que fez. E aí foi quando a gente começou a escrever muito e nem tudo era publicado, mas virou, amadureceu para essa agenda que não pára por aqui. A gente já tem tanto um desdobramento do que a gente pensa para as cozinhas, que é o Fórum de Cozinhas. E aí um desdobramento político para essa galera que está construindo as cozinhas, se organizar, disputar recurso, disputar política, fortalecer política, ir para a Alerj, enfim, a gente fazer com que esse grupo se fortaleça. A gente já tem 30 cozinhas no Fórum, que vai ser lançado no dia 6, na Fiocruz, no auditório da politécnica da Fiocruz. Vai ser lançado no dia 6, mas que tem todo um trabalho que a gente está iniciando aí de debate e de fortalecimento dessas iniciativas. E a gente pensa que essa agenda, o desdobramento dela é aprofundar os eixos e o primeiro vai ser o enfrentamento à fome. A gente pensa em construir uma agenda que não fale de Caxias, mas fale da Baixada e dessas iniciativas e do mapeamento das iniciativas para que dê visibilidade e essa galera consiga captar recursos mais facilmente. Enfim, é o que a gente está pensando aqui.

Thamires Ribeiro: Então vou trazer algumas reflexões breves aqui. Quem tem fome, tem pressa. É, então, eu acho que eu pude, percepções, na verdade, que eu experienciei na Maré que pode ser que vocês também tenham. Como a gente viu nas experiências trocando aqui, a gente teve várias coisas em comum. Eu acho que eu percebi que de fato, eu acho que isso foi um pouco de todo mundo, né? Essa coisa do temor, do medo da doença e até que ponto eu posso me infectar, e se vale a pena fazer isso? Nesse sentido de, quando as pessoas viram que, óbvio, se você não é de grupo de risco, você não pertence a um determinado grupo, então às vezes se arriscar para fazer determinadas coisas valia a pena, mesmo sendo mesmo estando infectado por uma questão até de saúde mental mesmo. “Não aguento mais ficar preso dentro de casa”. A logística da Maré, um lugar quente, às vezes fechado, às vezes com falta d'água. Por exemplo, agora a gente nesse, nessas ondas de calor, às vezes falta água, às vezes falta luz. Então imagina enfrentar esse tipo de situação dentro de uma pandemia. Então é meio que enlouquecedor de fato. Então, como julgar alguém às vezes que se permite sair de casa ou desses contextos. E eu acho que também ouvi os argumentos da população, né? Às

vezes a gente só quer recriminar e que às vezes eu ouvia muito isso dentro das academias, de tratar as pessoas da favela, elas são burras, volta no Bolsonaro porque elas são burras, não, porque de alguma forma o que ele está falando dialoga. Tem alguma lógica ali dentro, lógico, tem. Existe algum sentido ali dentro e tem essa coisa do conservadorismo que observei muito que eu não tinha essa noção de como o brasileiro é conservador, né? É muito conservadora, a gente não tem, às vezes dimensão do quanto a favela é conservadora, às vezes até por uma questão de sobrevivência, né? Dessa coisa do marco de uma coisa que eu observo muito entre a Zona Sul, a Zona Sul não, as áreas de área nobre e em favela, né? A coisa do consumo da maconha, como isso é comum na Zona Sul e às vezes pais fumam com os filhos dentro dos apartamentos.

Daniela Lopes: Na favela isso é inadmissível.

Thamires Ribeiro: Inadmissível. Ver esses relatos de pessoas fala “cara, essas pessoas são muito privilegiadas, elas estão contando isso como se fosse, se ela tomou um café”. Na favela e às vezes tem essa coisa, às vezes a pessoa sai desse lugar de privilégio, vai até a favela e quer fumar na frente de todo mundo achando que isso é uma prática comum e não é. E às vezes é um marco até dentro das igrejas, se de você andar de terno, você andar com a bíblia na mão, você se diferencia dos demais, você não está pecando, você não está no bar bebendo, então se cria um marco. É um status que se traz e é uma forma até de você de incluir esse discurso conservador “ah, mas ele foi, ela foi morta, mas ela fazia balé. Ela foi morta”. Então assim você já foi assassinado, você teve a vida, mas você tem que justificar aqui na porque às vezes, “ah, não, fulano é” que é um discurso. Você cria uma hierarquização entre quem mereceu ou não morrer até dentro do território, né? Está defendendo uma coisa que vai te prejudicar, mais cedo ou mais tarde, né? Então é muito complexo, só vivendo dentro da favela e não tendo uma visão superficial que você vai entender de alguém que só está, que fala da favela sem pisar na favela ou sem ter uma ligação complexa, uma relação mais íntima. Então é muito difícil discutir esse tipo de coisa. Então eu acho que pela a só da discussão da maconha já a gente percebe muito isso. Então não é bonito, não é legal, então essa coisa das tias, das avós, elas não vêem isso de uma de uma forma legal, então tem essa coisa do conservadorismo justamente por isso, porque legitima matar ou não alguém se você está fumando maconha porque isso legitima. Ah, mas ele estava perto da boca. Ah, ele estava fumando ou tipo tomar uma dura da polícia e você pode não ser envolvido com tráfico, mas querer usar e se pegar na mochila. Então assim, fora o racismo, o recorte racial que a gente

nunca pode deixar de falar. E teve a coisa também da hipocrisia do transporte público, né, que as pessoas falam: “ah, mas aí eu tenho que ficar respeitando o *lockdown*, mas aí no transporte não tem ar-condicionado, a gente fica dentro de uma sardinha para trabalhar”. Então assim não faz sentido. Indo para o trabalho eu posso me lascar, eu posso estar sob risco de pegar COVID aí em casa não. Então assim, para trabalhar é uma coisa, uma coisa, às vezes dura e difícil, mas aí chegando e eu não, eu não tenho lazer em momento nenhum. Eu estou indo trabalhar, aí quando eu volto que na minha casa seria o descanso eu tenho que ficar isolada, eu não posso falar com o meu vizinho, eu não posso trocar. Então acho que chegou a um ponto de ver que “bem, eu tenho saúde suficiente”, “eu soube que o fulano de tal pegou e não morreu, pegou e está vivo”, então vai chegando um momento desse. E que as favelas já enfrentam uma realidade brutal, então assim vai chegando uma hora que a pessoa, ela tem que largar de mão infelizmente. Chega um momento que não tem muito que fazer, né? Então acho que é importante a gente levar isso em consideração quando tentar entender essa coisa, poxa porque é que votaram no Bolsonaro, porque que...? Então eu acho que é importante levar isso em consideração. Acho também com relação a não se sentir culpado. Eu senti isso muito na sua fala. Eu acho que todo mundo que atuou nesse período sentiu isso. É porque a gente está tendo que dar conta de uma coisa que não é responsabilidade nossa, sabe? E não tem como não se sentir culpado, porque você está lidando com pessoas que você conhece, que você gosta, que você tem uma relação de afeto. Então é tentar manter o equilíbrio entre “eu vou fazer o melhor que eu posso, dentro das minhas possibilidades, mas sem tentar surtar ao mesmo tempo”. E se, não é se eximir da culpa, mas eu acho que de trocar com as pessoas que passam pela mesma situação fala, cara, você está fazendo o melhor que você pode no meio disso, as pessoas estão morrendo. Então eu acho que de sentar e trocar com as pessoas e tentar entender o outro, né? Acho que é isso. Trocando com quem viveu as mesmas situações que você e se perdoar e saber que você está dando conta de uma coisa que era o estado que devia ser o responsável, né? Então, e se fosse só a cesta? Tava bom, né? A gente, não é só a cesta que vocês estão tendo que lidar, né? A Gi falou da coisa da violência contra a mulher que é assim, é uma coisa que eu nem tive contato, eu não consigo nem imaginar você ter que ficar ouvindo esse tipo de relato. Eu acho que importante também falar da questão da saúde mental que foi muito importante e que foram coisas que surgiu, que foram desse conservadorismo de você achar que, principalmente, nas classes mais pobres, porque é isso, você não pode adoecer porque você precisa gerar renda para sua família. Então, depressão, ansiedade, é frescura. Então, só que aí eu consegui ver as pessoas tendo essa dimensão e se atentando para isso. Caraca, as pessoas estão de fato adoecendo não por questão de saúde, mas por

questão mental mesmo que eles não estão aguentando. Então eu acho que isso também dentro da favela ajudou a fazer com que as pessoas enxergassem isso.

Daniela Lopes: Eu não sei se você percebeu isso lá na Maré, mas assim o aumento de pessoas fazendo o uso de medicação para ansiedade, depressão. Lá na favela aumentou assim, acho que 80% hoje dos moradores, não digo 80, mas 60% estão fazendo uso de medicação porque a gente não tem psiquiatra também nos postos. Então a gente, o médico que tem, ele não, tem que também ter terapia e psicóloga, então o médico que tem ele tenta dar conta de alguma forma e ele passa o ansiolítico. E é isso a gente está com uma população medicada.

Thamires Ribeiro: Sim, a gente teve uma parceria também com profissionais da saúde também que fizeram de graça para a gente uma rede, né? E que foi muito bacana de tentar atender de maneira remota também a gente fazer uma lista, uma triagem das pessoas que tinham mais necessidade, então isso também foi um movimento importante. Eu, como me afetou na questão, eu entrei para o mestrado e já estava tendo a pandemia, então a minha dificuldade que eu percebi em mim era dificuldade de concentração para ler, assim. Eu tinha, eu lia duas linhas, minha cabeça ia para outro lugar, então foi um inferno no primeiro semestre, no sentido de não conseguir ler, não consegui me concentrar porque era tanta notícia ruim o tempo todo e eu fiquei muito tempo sem ler, nem foi tanto tempo assim não, da monografia para a dissertação, assim, não foi um período tão grande, mas eu perdi muito essa capacidade de me concentrar e voltou no segundo semestre. Que bom, né, mas nem todo mundo teve essa questão. Uma coisa que eu observei também dentro da Maré foi o aumento de pedintes, porque não sei com relação às outras favelas, mas para mim era muito incomum ver crianças pedindo coisas dentro da Maré. Era super incomum, assim, era muito mais fácil ver no asfalto do que dentro da favela. E aí, com a pandemia, a gente ia comendo em lugares que eu sempre comia com o meu companheiro e as crianças vindo pedir. Eu fiquei cara, tem alguma coisa muito errada, porque a gente sempre frequentou esses lugares e não vinha a criança pedir comida, pedir fatia de pizza, pedir. Cara, a coisa está feia mesmo. Aí a gente conseguiu ver no dia a dia como aquilo afetou, né? Porque tem coisas que é do dado, do relatório, mas no meu dia a dia, foi isso que eu observei de lugares que antes não se tinha isso e você vê crianças começando, crianças pedintes, né? Com relação à questão da comunicação, eu destaco a tese da Adrielle, que é educadora do Museu da Maré. Ela fez a tese dela sobre museologia social, estudando o Museu do Amanhã, o Museu da Maré e o Museu da República, só que ela pegou

bem a pandemia, porque ela ia estudar os educativos e aí ela teve que dar uma mudada. Isso aconteceu com muita gente, estava estudando, teve que mudar muito a metodologia do trabalho, então ela começou a estudar quais foram as medidas adotadas por esses museus para ajudar a auxiliar a população e tal, então até destaco ela que ela conseguiu defender, que bom para ela, né, que ela conseguiu. Então eu destaco o trabalho dela, porque o que ela fez enquanto ela estava no doutorado? Ela também estava na Frente de Mobilização, então isso também mexeu com a saúde mental dela de ter que lidar com isso, acabou atrasando a entrega da tese, mas que bom que ela conseguiu. Então eu destaco a tese dela também como uma. Mas eu comecei a minha apresentação também, falando dessa dificuldade de você atuar e de você produzir em cima disso, né? O quanto isso adocece, deixa gente meio doido, mas, e que, infelizmente, isso é fundamental, porque é pra você concorrer a um edital você tem que ter os dados, você tem que ter as informações. Isso às vezes impede de você conseguir ser contemplado dentro dos editais. Então isso é um desafio nosso. Eu acho que a gente tem que ter mais parcerias com instituições que se propõem isso, que sensibilizem com essa situação e façam oficinas e ajudem a gente nesse sentido também de levantamento de dado. E, por fim, ah não era isso mesmo, a coisa do dos editais, da comunicação é um desafio que a gente precisa pensar em estratégias mesmo. Desculpa, gente.

Itamar Silva: É despedida, né? Eu acho que Betinho foi trazido aqui, “quem tem fome tem pressa” e eu estava lembrando de uma outra coisa que a Ação da Cidadania, acho que é a maior que a gente tem no Brasil e ela foi exitosa, né? A primeira fase da Ação da Cidadania era dar comida ok. Quando Betinho pautou e aí você tinha apoio de empresas, muita gente, quando pautou o trabalho, isso desapareceu, as empresas desapareceram. Passou, porque a gente vive um momento parecido. Eu quero, estou trazendo isso porque também a questão da fome que voltou como tema, a questão da distribuição de cesta básica enquanto você está dizendo que “ah, tá morrendo de fome e tal tal” você tem um apelo. Quando isso arrefece um pouco, você vê que muda um pouco. Então, e aí eu acho que cabe à gente, a gente aí quer dizer as instituições, iniciativas na favela pensar qual o nosso papel, o que é que a gente quer? A gente não é prefeitura, a gente não, não. Qual o nosso? Quem somos nós nessa dinâmica, entendeu? Então estou falando para gente do grupo ECO aqui, a gente faz essa conversa. Então, por exemplo, quando a gente deixou de entregar depois dos 9 meses, a gente entregou, deixou de entregar a cesta básica a gente tem certeza que tem gente que continua precisando, mas a nossa ação ali, ela tinha um direcionamento, a gente sabia até onde ia, claro que a disputa continua, a necessidade continua. A gente tem que pensar onde é

que a gente vai incidir para que realmente, estruturalmente essa coisa mude. Não é o meu papel como militante resolver a questão da fome. Então essa militância, essa institucionalidade, a gente vive isso. A gente eu falo porque eu acompanho a discussão toda das organizações. A gente vive esse drama que é a militância, a questão política e a institucionalidade. Como é que você sobrevive sobre isso? Esse é um tema, porque eu acho que ele cruza com isso, que você traz a questão da favela, um pouco a questão do se é conservadora ou se não é. Eu costumo dizer, a gente precisa saber quem somos nós, né? O que é a favela hoje no Rio de Janeiro ou o que são as favelas no Rio de Janeiro? Quem está morando nesses lugares? Quem é que está produzindo? Quem é que está pensando? Porque tem essa é muito fácil tentar um pouco encontrar o favelado ideal, a favela ideal, então você mesmo dentro na academia, vai, faz um quadro, vai ali e ponto. Só que a dinâmica das favelas do Rio, ela é muito, mudou muito e vem mudando muito e muda cotidianamente. Então eu acho que se conhece pouco ou se se investiga pouco, você fala pouco sobre esse personagem favelado, favela, entendeu? Porque é muito mais complexo do que a gente está trazendo. Porque entender todos os processos eleitorais, olha para a Baixada, olha resultado eleitoral, olha pra favela, o resultado eleitoral e a gente vê isso e a gente não entende, a gente fala, mas porquê isso? Então não é só uma resposta, não é não é só isso ou aquilo, basta ter uma complexidade que a gente pensa pouco. A gente por defesa a gente acaba não tocando muito isso, a gente escolhe um caminho e vai nele, esse é o caminho, entendeu ou isso ou aquilo, mas a gente tem que um pouco flexibilizar e se abrir para entender inclusive a profundidade desse fenômeno, porque como é que a gente explica pandemia a gente se rasgando para poder fazer daquilo lá e de repente o fulano vota no cara de outro lado, entendeu? Aí você fala, mas que que estava na cabeça, onde é que eu errei? Aí você vem a culpa, né? Onde é que eu errei? Onde é que a gente errou? E não é isso, é porque a gente tem pouca reflexão sobre isso. E eu falo, a gente, a gente que está dentro do território. Por exemplo, no Santa Marta, que é uma coisa muito pequena, o que eu aprendi nesse, apesar de ter nascido aqui, ter me formado aqui, olho para o mundo a partir dessa favela, mas o grupo ECO que eu coordeno a gente, sempre tem um discurso muito, não é que somos melhores, mas que a gente é mais crítico. Na pandemia, a gente foi obrigado a dialogar, por exemplo, mais diretamente com a associação de moradores, com o centro esportivo e tal tal e entender um pouco cada instituição dessas no seu formato, isso foi muito importante pra gente. A gente hoje tem um diálogo muito mais próximo, né? Cada um na sua praia, cada um na sua linha, mas a gente entende o que é que é essencial, onde é que a gente se encontra e o que é que a gente quer, onde é que a gente quer incidir, o que é que a gente quer fazer. Então isso ajudou bastante. Do ponto de vista, você falou da memória, a gente volta para o nosso

trabalho. Na verdade, porque, por exemplo, a gente fez um trabalho legal com a PUC sobre esse tema da memória, porque o Santa Marta é uma favela muito visitada por turistas, blá, blá, blá, blá, blá, blá, e a gente acaba percebendo que a imagem que se constituiu é a Laje do Michael Jackson. Então para a gente isso é muito dolorido, porque aquela Laje ali foi a Laje do ambulatório, a gente construiu 10 anos de trabalho, de saúde e blá blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá. Mas aquilo a mídia comprou e internamente também os próprios crias compraram isso. Eu falei em vez de a gente ficar brigando com isso, o que que a gente quer defender? Então a gente olhou pra mina d'água, que é um ponto, se não existe aquela favela não teria como se sustentar ali. Durante muito tempo foi a sobrevivência, a possibilidade de existência e a gente começou a trabalhar um pouco essa perspectiva, não só a questão física, mas um pouco a dimensão da memória. Um pouco qual a importância dela na construção daquele território. Então isso foi também despertado nesse momento nessa disputa interna de narrativas e isso para gente é importante. E a gente ainda quer fazer memória da própria pandemia, mas a gente ainda não escolheu um pouco, quer dizer, eu perdi meu irmão na pandemia, então quer dizer, para mim, ainda tenho alguma dificuldade ainda de resolver isso, mas a gente quer fazer memória da própria pandemia, mas a gente tem que escolher o caminho. Não é só relatar coisas, mas um pouco entender claramente, e aí em diálogo com a própria ciência, por que que não houve uma mortandade geral dos pobres, né? O que aconteceu? Tem alguma coisa anterior, não tem? Por que os trabalhadores que enfrentaram esse transporte não morreram em manadas, entendeu, todo mundo lá? Então, que processos são esses, né? Um pouco, tem a ver com a tal da resistência, tem a ver com a questão de anticorpos, da própria dificuldade de vida? Essa é uma questão que me bate muito na cabeça todo o tempo. A outra, é mesmo o processo organizativo, um pouco um pouco as relações internas, porque muito rapidamente as pessoas batem à sua porta e sabem qual a instituição que vai te acolher, né? Onde é que ele vai encontrar a cesta básica? Mas o que é que a gente está repetindo com isso, né? Um pouco, qual o limite entre esse papel político nosso neste território e alimentar também um pouco dinâmicas que a gente criticava num passado, que é você, a igreja, o papel da igreja que ela cumpriu o tempo inteiro. Então eu, então a gente quer a partir dessa questão, pensar alguns pontos que estão entranhados na nossa, na história da própria favela e na nossa história particular. Isso sem, não é uma questão de meritocracia, nem questão de valorizar isso ou aquilo, mas entender muito forte, muito de alguma forma um pouco mais profunda, a complexidade que está espalhada e está presente em vários territórios desse que a gente chama de favela, tá bom, é isso. Obrigado pelo convite.

Fábio Araújo: E bem, queria só fazer um último comentário rápido que o Arthur colocou a questão da Fiocruz. Primeiro, assim, eu não estou falando aqui enquanto um representante agora da Fiocruz, eu não sou um representante do quadro dirigente da Fiocruz, eu estou falando enquanto um trabalhador que trabalha com a favela, né? E eu acho que uma das coisas que a gente tem que fazer é aproveitar um pouco isso que o que o Itamar estava falando em relação a Fiocruz, pelo menos essa foi uma linha de atuação política nossa para dentro da Fiocruz, no sentido de fortalecer dentro da própria instituição uma linha, né, de discussão, de ação, de intervenção que articule saúde, ciência, desenvolvimento e favela. Fazer, reforçar os espaços de discussão dessa questão dentro da favela. Eu acho que o próprio fato da gente ter tido a Nísia à frente por um lado pela sensibilidade dela em relação à temática da favela, isso facilitou, mas o quadro dirigente da Fiocruz não é um quadro monolítico, né? E o neoliberalismo está aí também dentro da Fiocruz, inclusive. Inclusive, eu acho que esse é um ponto fundamental que é isso que o Itamar está chamando a atenção, que eu acho que é muito importante assim, né? Nesse processo de escuta toda eu acho que tinha muito uma valorização às vezes das iniciativas locais, mas eu fico me perguntando, por exemplo, qual foi a nossa capacidade de colocar, de problematizar outros modelos de desenvolvimento, nesse momento, nessa conjuntura da pandemia? Por exemplo, nós não conseguimos reverter o teto dos gastos, mesmo durante a pandemia. Isso aconteceu em outros países onde o neoliberalismo estava razoavelmente avançado. Aqui a gente não conseguiu fazer isso. Eu acho que tem uma disputa central hoje que é uma disputa que tem a ver de novo com o que o Itamar estava falando que é uma disputa pelos fundos públicos, né? Esse governo que está aí hoje, eu acho que é isso, é uma coisa que a gente precisa discutir. Qual é, quais são as relações de forças possíveis hoje e que governo é esse, né? Para onde que ele está tendendo? É um governo onde o centrão tem se apropriado dos fundos públicos. Como é que a gente vai ter política pública de todos esses assuntos que a gente tá falando aqui, se os fundos públicos têm sido apropriados por esses grupos que se deram inclusive muito bem durante a pandemia, obrigado. A discussão sobre vacina é uma coisa assim inacreditável, né? Então eu acho que esse é um ponto importante para gente. Eu acho que para Fiocruz é isso, a gente traduzir essa mobilização, essas redes em disputa internas dentro da Fiocruz, e reforçar linhas de atuação nesse sentido. Bem, queria em nome da organização do evento agradecer a presença de todos, a participação dessa mesa riquíssima e dizer que tem uma última mesa, não é isso, Paloma? Que dia?

Itamar Silva: Hoje ainda?

Fábio Araújo: A mesa de hoje é no boteco agora. No dia 8/12 é, vai ter a última mesa discutindo o censo de favelas, a produção autônoma de dados, tá? Com Régis Coli, Hugo Oliveira e Dácio Marinho. Vai ser, onde vai ser? Na Providência. Eu estou meio cego, não consigo mais ler essas letrinhas pequenas aqui, gente. Obrigado e parabéns. Ah, eu trouxe esses livros aqui, eu vou fazer uma doação para se fazer circular aí.